

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Denise Mathias

Sonhos de criança no referencial teórico da psicologia analítica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2012**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Denise Mathias

Sonhos de criança no referencial teórico da psicologia analítica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica no Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Ceres Alves de Araújo.

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2012

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____

Prof^a. Dra. Ceres Alves de Araújo

Examinadora: _____

Prof^a. Dra. Denise Ramos

Examinadora: _____

Prof^a. Dra. Marion Gallbach

A Pethö Sandor e Ione Gallioti (*In memoriam*)

A eles devo todo este caminho profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora *Ceres Alves de Araújo*, professora e amiga desde sempre, pela paciência e generosidade com que me ajudou neste percurso e por respeitar a minha maneira de ser e o meu tempo.

Aos meus *Pais*, que sempre estiveram junto a mim, dando-me as condições necessárias para o meu desenvolvimento, confiando sempre nas minhas escolhas.

Ao meu filho *Gabriel*, instigador amoroso, pela possibilidade de partilhar sua vida, por ter me tornado mais humana desde a sua chegada. Obrigada, filho querido!

Ao meu filho *André*, desafiador constante, por ter me ensinado a respeitar e amar as nossas diferenças. Você ampliou a minha visão de mundo, tornando-me um ser humano melhor. Obrigada, filho querido!

Aos membros da Banca, *Denise Ramos*, mestra admirada e querida desde sempre, pelo muito que aprendi e continuo aprendendo. À *Marion Gallbach*, pela generosidade e simplicidade com que oferece suas descobertas. A ambas, obrigada pelo incentivo.

Ao *Paulo Corazza*, amigo-irmão de todas as horas, ouvidos atentos e ombro sempre pronto a acolher os momentos de desânimo. Obrigada por tudo!

À *Marilena Pinto França*, amiga-irmã, testemunha e cúmplice em todo este percurso profissional.

À *Maria Helena Guerra*, pensamento afetuoso, incentivador, descomplicando o complicado.

Às amigas igualmente incentivadoras *Aimee Grecco*, *Ana Maria Russo*, *Ângela Scuoppo* e *Ana Maria Galvão*.

Aos professores da Pós-Graduação, especialmente *Liliana Wahba* e *Durval Faria*, pelo acesso carinhoso às atualidades da Psicologia Analítica.

À *Luisa Oliveira*, querida amiga, pelas valiosas informações

À *Ivelise Fortim* e *Luiz Sakuda*, pela ajuda essencial e carinhosa que me foi concedida.

À *Maria Aparecida Mello*, por ter ajudado sempre com suas intervenções a construir o corpo deste trabalho.

Aos colegas do curso, especialmente, *Josi, Priscila, Talita, Heloisa, Lara, Rafael, Esther, Selma* e *Ariane*, pela oportunidade de aprender tanto com vocês, pelas trocas valiosas e pela ajuda sempre disponível.

À *Luisa Rosenberg Collonese*, pelo carinho silencioso e sempre presente.

A todas as *Crianças*, que permitiram que eu penetrasse no seu mundo e me mostraram a riqueza e importância do inconsciente. Obrigada por tudo.

A todos os meus *Alunos*, que sempre me incentivaram e dividiram seu trabalho comigo, desafiando e levando-me a novas descobertas. Este trabalho deve-se muito a vocês.

À *Vera dos Santos*, presença silenciosa e cuidadosa, essencial na construção da profissional que me tornei.

MATHIAS, D. Sonhos de criança no referencial teórico da psicologia analítica. 2012. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a possibilidade de incluir os sonhos no atendimento de crianças no referencial teórico da Psicologia Analítica. Jung não aconselhava o atendimento a crianças, pois atribuía os sintomas apresentados por elas à psique dos pais. Aconselhava que estes fossem tratados em lugar de seus filhos. Como na criança o Ego estava ainda em formação e o *Self* ainda não era atuante, não seria aconselhável o método proposto por Jung. Fordham reformulou o conceito de *Self* observando a sua atuação desde o início da vida, ao invés de a partir da maturidade, como preconizava Jung. Fordham trabalhou com crianças em psicoterapia utilizando o método de Jung, incluindo o trabalho com sonhos. Esse estudo tem a intenção de mostrar, mediante os sonhos de crianças colhidos em psicoterapia, a possibilidade de trabalhar com sonhos de criança, entendendo as imagens oníricas infantis a partir da teoria proposta por Jung. Os sonhos foram colhidos nos últimos 22 anos em sessões de psicoterapia, sem a intenção, na época, de realizar um estudo a respeito. Como o material colhido revela-se condizente com a intenção deste trabalho, foram relatados com a devida permissão dos sonhadores. Os sonhos selecionados contêm temas ou formato característico de crianças das diversas faixas etárias. Foram relatados seguindo a ordem cronológica. Sonhos em que os sonhadores não foram localizados ou não deram permissão nem fazem parte deste relato.

Palavras-chave: Sonho. Criança. Jung. Fordham. *Self*. Ego.

MATHIAS, D. Children's dreams in the theoretical referential of analytical psychology. 2012. Dissertation (Master's degree). Graduation Studies Program in Clinical Psychology. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ABSTRACT

The aim of this work is to study the inclusion of dreams in children's counseling adopting the Analytical Psychology approach. Jung did not recommend children's counseling, once he believed children's symptoms were due to the parents' psyche. He recommended that parents should be treated instead of their sons and daughters. Jung's idea was that the children's Ego was still in the process of construction, and the Self did not yet have any performance. Fordham remade the concept of Self, observing its performance since the beginning of life, instead of after the maturity period, as Jung supported. Fordham worked with children in psychotherapy using Jung's method, including the dreams. This dissertation expects to show, through children's dream collected in psychotherapy, the possibility of work with children's dreams, utilizing the theory proposed by Jung. The dreams were collected in the last twenty two years, in psychotherapy sessions, without the aim, at the time, of producing a dissertation with these subjects. As the collected material suits the objective of this work, it was described, with the dreamers permission. The selected dreams have themes or shapes characteristically of children in different ages. They were described chronologically. Dreams pertaining to dreamers that were not founded or did not allow their use were not included in this paper.

Key-words: Dream. Children. Jung. Fordham, Self. Ego.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO II	
1. OBJETIVO	17
 CAPÍTULO III	
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1. Jung – Sonhos na Infância	19
2.2. Marie L. Von Franz	24
2.3. Marion Gallbach	26
2.4. Michel Fordham	34
2.5. Mario Jacoby	35
 CAPÍTULO IV	
3. MÉTODO	37
3.1. Características do Estudo	37
3.2. Sujeitos e Amostra	38
3.3. Instrumentos	39
3.4. Procedimentos	39
3.4.1. <i>Período de Coleta de Dados</i>	39
3.4.2. <i>Local das Coletas de Dados</i>	39
3.5. Cuidados Éticos	40
3.5.1. <i>Parecer sobre o Projeto</i>	40
3.5.2. <i>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</i>	40
3.5.3. <i>Termo de Compromisso do Pesquisador</i>	40
 CAPÍTULO V	
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
4.1. Comentário de uma Menina de 10 Anos (2012)	42
4.2. Sonho Recorrente de Menino de 3 Anos com o Lobo Mau (2009)	43
4.3. Sonho de um Menino de 4 Anos (2010).....	44

4.4. Sonho de uma Menina de 4 Anos (2010)	45
4.5. Sonho de um Menino de 5 Anos (2009).....	46
4.6. Sonho de um Menino de 5 Anos (1994).....	47
4.7. Sonho Inicial da Terapia de uma Menina de 7 Anos (2011)	48
4.8. Sonho de uma Menina de 7 Anos (2010)	48
4.9. Sonho de um Menino de 7 Anos (2009)	50
4.10. Sonho de uma Menina de 7 Anos (2011)	51
4.11. Sonho de uma Menina de 8 Anos (1988)	52
4.12. Sonhos de um Menino de 8 Anos (2010)	53
4.13. Sonho de um Menino de 9 Anos Apresentado em uma Sessão de Terapia Familiar (2006)	54
4.14. Sonho de um Menino de 9 Anos (2009).....	55
4.15. Sonho de Menina de 9 Anos já Apresentando Sinais de Adolescência (2011)	56
4.16. Sonho Recorrente de um Menino de 10 Anos (2007)	57
4.17. Sonhos de um Menino de 10 Anos (2008).....	58
4.18. Sonho de um Menino de 11 Anos (2010)	59
4.19. Sonho de uma Menina de 11 Anos (2010)	60
4.20. Sonhos de uma Menina de 11 Anos (2011)	61
4.21. Sonho de uma Menina de 12 Anos (2011)	62
4.22. Sonho de uma Menina de 12 Anos (2011)	62
4.23. Série de Sonhos de um Menino de 12 Anos (2009)	63
4.24. Sonho Recorrente de um Homem na Infância (dos 4 aos 7 Anos em uma Sessão de Psicoterapia, em 2011)	64
4.25. Série de Sonhos de um Menino de 12 Anos (2009).....	65
4.26. Sonho Recorrente de um Homem na Infância (dos 4 aos 7 Anos em uma Sessão de Psicoterapia, em 2011)	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver este tema teve origem no trabalho em psicoterapia feito com crianças. Desde o início do trabalho, houve dificuldade de utilizar o referencial teórico de Jung, pois a literatura e o relato de experiências com crianças nessa linha eram muito escassos.

Para quem se propunha trabalhar com crianças nos anos 1970 restavam, basicamente, o referencial teórico freudiano e as técnicas interpretativas de Melanie Klein. Fordham, em entrevista feita com Astor (1983), relatou que enfrentara suspeitas na comunidade junguiana pelo seu interesse em trabalhar com crianças.

Em 1920, Jung (2003) frisava que o objetivo do desenvolvimento é atingir a maturidade. E para que isto ocorra, a criança precisa diferenciar-se do coletivo, o que implica o desenvolvimento da própria consciência. Dessa forma, ela estabelece contato com o mundo externo e com seu mundo interno.

O desenvolvimento implica em uma ampliação da consciência, que, no início, em estado rudimentar, estaria ainda em formação e estruturação. A criança tem de adaptar-se ao mínimo necessário de normas coletivas para adaptar-se ao mundo em que vive.

A partir da segunda metade da vida, o indivíduo começa um processo de diferenciação do coletivo, que tem por fim o desenvolvimento da sua. Esse processo Jung ([1920], 2003)¹ denominou de individuação. Segundo sua concepção ([1920], 2003), a individuação é resultante do amadurecimento e começa a partir da meia-idade. Nela, os conteúdos da psique coletiva deixam de ser projetados no mundo e passam a fazer parte da psique do indivíduo, que realizaria, assim, todo o seu potencial. A criança, ao contrário, está em uma fase em que precisa projetar sua psique no mundo para que possa se desenvolver e responder às demandas do coletivo.

“A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. [...] Antes de tomá-la como objetivo, é preciso que tenha sido alcançada a finalidade educativa de adaptação ao mínimo necessário de normas coletivas.” (JUNG [1936], 2009, §§ 853, 855)

¹ A partir de agora, a data da publicação original da obra de Jung encontra-se entre colchetes e a da publicação da edição utilizada está entre parênteses.

Para Jung ([1920], 2003), o processo de individuação significa para o indivíduo a possibilidade de se diferenciar do coletivo. Na infância, porém, o movimento é no sentido de inserir-se, fazer parte, adaptar-se ao coletivo – o que seria oposto ao processo de individuação.

A psicoterapia na primeira metade da vida não seria compatível com o processo de diferenciação do coletivo, que ocorreria na individuação. Assim sendo, o processo psicoterapêutico proposto por Jung não seria possível durante a infância.

Em *Psicologia e educação* (JUNG [1910], 1972) é dito que a criança não tem autonomia psíquica, por isso depende integralmente de seus pais. O autor afirma que o início da vida psicológica é a fusão com a psique dos pais. Nesse momento, a psicologia individual estaria presente apenas potencialmente. Ele assevera, a partir disso, que desordens psíquicas apresentadas pelas crianças dependem, em grande medida, dos distúrbios psíquicos dos pais.

Ao concluir que muito do que se imaginava ser ambiental seria inato, que a relação mãe-criança e os conflitos envolvidos (complexo de Édipo, inclusive) seriam parte de um desenvolvimento normal, não se justificaria, então, uma análise dos conteúdos infantis. Seria, pois, mais indicado proporcionar um ambiente adequado para a criança, que dessa forma se desenvolveria de maneira saudável e os conflitos seriam naturalmente resolvidos. Portanto, pais saudáveis gerariam filhos igualmente saudáveis.

Conforme teoriza Jung ([1936], 1987), para que se possa falar em individuação, é necessário que se estabeleça uma relação com os arquétipos a partir de uma meta consciente de um adulto. A criança, porém, não pode deixar de estar em contato com os processos arquetípicos, visto que o Ego ainda não se diferenciou do inconsciente coletivo. (FORDHAM, 1994)

O atendimento de crianças, portanto, não era uma preocupação dos junguianos naquele momento. A análise da criança era feita por meio do adulto ou com os pais e responsáveis ou como analisando portador de temas trazidos da infância.

Fordham (1994), ao trabalhar com crianças pequenas por ele atendidas durante a Segunda Guerra (1939/1945), começou a observar nelas manifestações do *Self*, cujas experiências estavam ligadas ao Ego. Isso o levou a investigar a existência de uma relação entre o *Self* e o Ego desde o início da vida, e não a partir da meia-idade, como propunha Jung. Fordham considerava o amadurecimento infantil relacionado a processos fornecedores da individuação correspondentes às concepções provenientes de

Jung. Os processos de individuação estavam presentes desde o início da infância e eram uma “[...] *característica essencial do amadurecimento.*” (FORDHAM, 1994, p. 20)

Fordham (1994) define *Self* como a totalidade organizada dos sistemas consciente e inconsciente. Por isso, em lugar de uma indiferenciação inserida na psique dos pais, a criança parte de uma unidade primária que fornecerá a base sobre a qual se estabelecerão a identidade pessoal e a individuação. O *Self*, para ele, tem importância desde o início do desenvolvimento, ou seja, desde o nascimento, a criança tem uma psique individual e não atrelada à psique dos pais.

“A meu ver, é uma pena que Jung nunca tenha esclarecido devidamente suas conclusões em escritos sobre a infância. Suas primeiras ideias sobre o tema permaneceram as mesmas no que se refere ao amadurecimento na infância e à natureza dos processos inconscientes nesse período da vida do indivíduo.” (FORDHAM, 1994, p. 12)

O conceito inicial de *Self* como um sistema fechado, estabilizador e centralizador não era adequado à infância, período de mudanças e desenvolvimento. Isso levou Fordham a buscar um modelo mais dinâmico e a desenvolver a ideia de que o *Self* seria um sistema mais instável do que até o momento se supunha. Ao concebê-lo como entidade primária, sendo a soma de sistemas parciais – e a ideia de que tais sistemas podem se deintegrar e voltar a integrar-se ao *Self* –, o autor justifica a possibilidade de tratar uma criança pequena como uma unidade à parte dos pais. (FORDHAM, 1994)

O pesquisador registra que utilizava para as crianças as mesmas técnicas que dos junguianos: pedia que elas pintassem suas fantasias e sonhos e também que os narrassem.

Sonhos, como se sabe, são vistos como um elemento central na psicoterapia analítica, dado que eles fornecem informações úteis sobre eventos psicológicos e intenções da natureza da psique; além disso, relatam a realidade interna do sonhador. (JACOBY, 2010)

Jung ([1936], 1987, p. 2) aponta que o

“[...] sonho é um fenômeno natural. Não se origina de uma intenção. Não é possível explicá-lo através de uma psicologia da consciência. No sonho trata-se de um determinado funcionar independente do desejo, propósito ou fim que pretenda o Ego. É um evento não intencional como justamente o são todos os eventos da natureza. [...] A dificuldade consiste na compreensão do evento natural.” (JUNG, [1938], 1987, p. 2)

Von Franz (1988) assegura que os sonhos nos fornecem uma linha mestra na tarefa de lidar com aspectos de nossa existência, encontrar o sentido e realizar o potencial da vida que há em nós. Gallbach, por sua vez, comenta:

“Na visão junguiana, o sonho é uma manifestação da totalidade psíquica. Ele se origina dessa totalidade consciente-inconsciente, denominada por Jung de Self que é ao mesmo tempo o centro regulador e a totalidade da psique. Tendo em vista o equilíbrio da totalidade psíquica, os sonhos cooperam com a auto-regulação da psique ao compensarem atitudes unilaterais da pessoa que sonha, as quais não estão adequadas ao todo da psique ou ameaçam necessidades vitais do indivíduo.” (GALLBACH, 1997, p. 5)

No trabalho psicoterápico com crianças, os sonhos têm um papel bastante importante – e é esta convicção que norteia este trabalho. Na primeira infância, objeto e fantasia não se distinguem um do outro (FORDHAM, 1994); a criança assusta-se com os conteúdos dos sonhos, confundindo-os com a realidade. Seus sonhos só são relatados se o terapeuta e a família perguntarem por eles. Caso contrário, sonhos mesclam-se com as fantasias e jogos do cotidiano.

Jung ([1936], 1987) já apontava a dificuldade em trabalhar os sonhos com criança, pois, ao relatá-lo, ela não fará associações nem dará qualquer informação sobre o material sonhado. O conteúdo do sonho, como se disse, provoca, muitas vezes, angústia por apresentar elementos totalmente desconhecidos da consciência da criança.

Fordham (1994) observou que a forma de colher o sonho e, posteriormente, conversar a respeito é diferente da maneira com a qual se trabalham sonhos dos adultos. Isso porque, a criança não é capaz de produzir associações verbais e é dependente dos pais – inclusive psiquicamente. Elas podem ou não narrar seus sonhos quando convocadas. E o relato pode ser fiel à lembrança do sonho ou mesclado com fantasias e contribuições da consciência ao material sonhado. Sobre os sonhos infantis, Jung ([1920], 1971, § 98) discute:

“Muitos deles são sonhos de caráter infantil, muito simples e imediatamente compreensíveis, ao passo que outros contêm possibilidades de sentido, quase a ponto de nos provocar vertigem, e coisas que só revelam seu significado profundo à luz de paralelos primitivos [...] A infância [...] é o tempo em que surgem [...], diante da alma da criança, aqueles sonhos e imagens de ampla visão a condicionar-lhe o destino, concomitantemente com aquelas intuições retrospectivas que se estendem, para além da esfera da experiência, até a própria vida de nossos ancestrais.” (JUNG [1920], 1971, OC VIII/1, § 98)

A criança substitui a restrita capacidade verbal de associações com suas brincadeiras, dramatizações ou representações dos temas dos sonhos. É dessa forma que

fornece ao terapeuta pistas dos processos inconscientes envolvidos nos sonhos. O trabalho com elas, inclusive com os seus sonhos, é mais vivenciado do que verbalizado ou interpretado.

Na opinião de Fordham (1994), quando as figuras parentais aparecem em sonhos infantis são habitualmente representadas como positivas – mesmo quando há histórias de abandono e maus-tratos. Esta é a razão pela qual a criança necessita da manutenção de aspectos positivos dessas figuras para o seu desenvolvimento. Quando o convívio com as figuras parentais é negativo, o sonho traz elementos positivos para oferecer os recursos que ela precisa para a elaboração dessa situação e para o seu desenvolvimento.

Quanto menor a criança, mais facilmente se identificará com heróis de histórias, mitos e desenhos. O mesmo ocorre com os elementos que surgem nos sonhos. Mediante tal processo, pode identificar suas dificuldades e encontrar recursos e soluções até então inconscientes. Por conseguinte, os sonhos, quando relatados ou dramatizados nas sessões, possibilitam acompanhar fases de desenvolvimento das crianças, conflitos vivenciados e apontam de forma prospectiva para novos caminhos que se apresentam.

O conteúdo onírico a acompanha em vigília e tem de ser contado, recontado, dramatizado, representado até ser elaborado, diz Fordham (1994). A criança associa e amplifica de forma natural e o terapeuta deve ter sempre em mente a necessidade de associar esse material aos conteúdos da consciência.

Ao relatar seu sonho, a criança utiliza as funções da consciência em desenvolvimento e acrescenta recursos da fantasia para encontrar meios de solucionar questões apresentadas pelo sonho. Nos seminários com sonhos de crianças, Jung ([1936], 1987) aponta para a necessidade capital de acomodar a psique ao ambiente no qual ela se desenvolve.

As crianças representam com muita facilidade, material mitológico, como foi dito e isso ocorre, não raramente, sem ter tido qualquer acesso a ele via educação ou convívio familiar. A permanência no mundo mítico, entretanto, seria um entrave para o desenvolvimento da consciência.

Jung garante que não se deve dar demasiada importância ao inconsciente na infância, pois isso dificultaria o desenvolvimento e fortalecimento da consciência. Chega a aconselhar que, no trabalho com crianças, mais do que conhecimento de psicologia, dever-se-ia utilizar “[...] simplicidade e bom-senso.” (JUNG [1915], 1972)

Convém lembrar que o conteúdo do sonho permanece na mente infantil durante a vigília; o seu relato e vivência nas sessões de psicoterapia – de acordo com a

necessidade e estilo de cada criança – possibilitam ao Ego apropriar-se de recursos necessários para o seu desenvolvimento. O “monstro assustador” do sonho, por exemplo, pode tornar-se um aliado no enfrentamento das dificuldades do cotidiano, desde que a criança em vigília, mediante suas brincadeiras e dramatizações, mobilize recursos do Ego para combatê-lo e assimilar estes recursos.

Entretanto, apesar de todas as possibilidades apontadas até aqui, pesquisas e relatos de psicoterapia com crianças são escassos entre as publicações junguianas. Trabalhos que têm como tema análise de sonhos de crianças são ainda mais raros. A pesquisa aqui desenvolvida almeja ter um caráter de utilidade aos terapeutas junguianos, pois aponta na importância e necessidade de observar a criança sob esse aspecto.

Além das vantagens comentadas do trabalho psicoterapêutico, a observação e o acompanhamento desse material podem ter também uma função no campo da educação. O interesse de pais e professores pelo material onírico da criança tornam esse conteúdo relevante para a educação, bem como o relato constante do material sonhado auxilia a consciência infantil a apropriar-se desse conteúdo.

O sonho, acredita-se, deve ser visto com mais cuidado, pois oferece acesso ao mundo interno da criança, possibilitando observar como as suas vivências são elaboradas, como os conteúdos vividos são assimilados pela psique, como as dificuldades encontradas nesse processo aparecem e quais recursos a psique em formação possui para elaborar os conteúdos apresentados. Além disso, fornece informações relevantes sobre o desenvolvimento infantil.

Pelas recentes pesquisas publicadas sobre o desenvolvimento humano, é sabido que se encontra no adulto a criança que ele já foi. Então, pesquisar o seu material onírico pode oferecer importantes informações a respeito da psique do adulto que busca psicoterapia.

CAPÍTULO I

1. OBJETIVO

O presente trabalho tem por finalidade precípua propor alternativas para o estudo dos sonhos de crianças atendidas em psicoterapia, no referencial teórico da psicologia junguiana, com base na experiência clínica. Estes sonhos serão utilizados para ilustrar o material aqui apresentado.

CAPÍTULO II

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A interpretação dos sonhos, como se sabe, foi sempre um tema central na psicologia analítica. Foi a obra de Freud, a *Interpretação dos sonhos* (1900) que despertou a atenção de Jung para o trabalho com a psicologia dos pacientes psiquiátricos. O interesse pelo inconsciente e suas manifestações aproximaram, na época, Freud e Jung. (BAIR [2003], 2006). Apesar do interesse em comum, tinham visões diferentes sobre as manifestações inconscientes. Por exemplo, enquanto Freud (1900) considerava os sonhos produto da repressão, Jung os via como expressão da totalidade da psique, abarcando não apenas conteúdos pessoais reprimidos ou esquecidos, mas também todo o inconsciente pessoal e coletivo. Para trabalhar o sonho, Jung ([1936], 2011) aconselha levantar a hipótese de que os processos da natureza não constituem uma decorrência fortuita de eventos isolados, mas existem nexos causais entre eles; partiu da hipótese de que a psique possui uma intenção, manifestando uma finalidade inconsciente.

“[...] o sonho é um fenômeno natural. Não surge de nenhuma intenção especial. Não podemos explicá-lo a partir de uma psicologia da consciência. Estamos lidando com um particular modo de funcionar independente dos desejos e vontades, intenções e objetivos do ego. É um acontecimento sem intenção, como são todos os acontecimentos da natureza. [...] estamos frente à difícil tarefa de traduzir processos naturais para uma linguagem psíquica.” (JUNG [1936], 1987)

A psique, como fenômeno biológico, tem um propósito natural, independente da consciência, e os sonhos possuem um propósito interno, uma meta inconscientemente orientada, mas que se relaciona com a consciência, já que os conteúdos psíquicos conscientes e inconscientes estão associativamente ligados. Eles são irradiados a partir de um centro de significado, em uma temporalidade e espacialidade diferente da consciência. No inconsciente, todas as coisas estão lá desde o início.

Os sonhos são apreendidos e relatados pelo Ego em uma categoria temporal e de uma forma causal, apresentam um enredo, para que possam ser assimilados pela

consciência. Eles precisam ser compreendidos como tendo conexões causais e sempre com um sentido, embora, muitas vezes, este não possa ser imediatamente assimilado pelo Ego.

O sonho não pode ser explicado pela consciência, visto que se trata de um modo específico de funcionamento. A dificuldade para o terapeuta é a maneira como este material é assimilado; Jung sugere que o terapeuta se mantenha o mais imparcial possível, permitindo que o sonho relatado nos toque. Em lugar de interpretações, propõe que se façam suposições, que depois serão verificadas em sonhos seguintes ou mesmo no conteúdo desenvolvido nas sessões de psicoterapia. (JUNG [1936], 2001)

Como o terapeuta levanta hipóteses e não oferece interpretações, a observação de séries de sonhos oferece um “teste-controle” sobre as suas suposições, permitindo que estas possam ser confirmadas ou corrigidas.

Fordham (1994) verifica que o trabalho de Jung era focado na individuação, vista como um processo iniciado a partir da metade da vida. Para que a esta individuação ocorresse, seria necessário que o indivíduo já estivesse com o Ego estruturado e desenvolvido. Como no início da vida o Ego encontra-se em fase de diferenciação e estruturação, o foco na individuação, entendida desse modo, desviou a atenção de Jung da análise de crianças. Opõe-se à investigação de processos inconscientes em crianças, atribuindo os sintomas à influência da psique dos pais, como já dito anteriormente. (JUNG [1915], 1972)

2.1. Jung – Sonhos na Infância

Entre 1936 e 1940, Jung apresentou quatro seminários sobre sonhos de criança na Swiss Federal Institute of Technology, em Zurique. A participação neles dependia da permissão de Jung, cujo objetivo era possibilitar a discussão em grupos relativamente pequenos. Os seminários eram anotados pelos participantes, mas sem a preocupação de editá-los. O texto está fundamentado em anotações feitas pelos participantes e revisadas pelo próprio Jung, não aparecendo nestes seminários o relato característico da criança nem as associações ou dramatizações que se seguem a este.

Neles, Jung expõe seus pensamentos sobre a psique infantil e sua forma de expressão. No início de seu trabalho, ainda sob a influência de Freud, Jung ([1915], 1972) chegou a escrever sobre a psicologia infantil. O que o distanciou da análise

infantil foi a conclusão de que as questões que a criança tem diante de si, durante seu desenvolvimento, seriam parte do desenvolvimento sadio. Para tanto, seria mais adequado lhes proporcionar um ambiente sadio, para que a infância ocorresse sem dificuldades. Jung, como já foi dito aqui, colocava sempre muita ênfase na influência dos pais. As anormalidades no desenvolvimento infantil seriam provocadas por identificações inconscientes deles. (FORDHAM, 1994)

Apesar de tal convicção, nos seminários apresentados nestes quatro anos, Jung traz importantes contribuições para o entendimento da psique infantil e como acontecem as trocas entre o consciente e o inconsciente no início da vida.

Nos sonhos da primeira infância se dá o emergir de uma parte do inconsciente que figura como algo estranho naquele momento. (JUNG [1928], 1985). O contato com tal conteúdo desconhecido amedronta a criança, que, por tal motivo, não fornecerá qualquer informação ou associações relacionadas ao conteúdo do sonho. (JUNG [1936], 1987)

Logo, pode-se concluir que, por esse motivo, as crianças pequenas acordam assustadas e, às vezes, se sentem perseguidas, por dias, pelos monstros noturnos. O inconsciente apresenta-se como o monstro desconhecido – razão pela qual amedronta.

Jung ressalta que tais sonhos são importantes para a compreensão da psique: *“Estes sonhos precoces em particular são da maior importância porque estão sendo sonhados das profundezas da personalidade e, representando, não raramente, uma antecipação do destino.”* (JUNG [1936], 1987, p.1)

De acordo com Jung ([1936], 1987), não se pode entender a psique da criança a partir de uma psicologia do adulto, mas todo ser humano já é, desde o nascimento, aquilo que será. O projeto básico está ali desde muito cedo e tais sonhos iniciais emergem da totalidade da psique. Por isso é possível ver, nessa etapa do desenvolvimento, conteúdos que depois poderão se perder. Mais tarde, se é forçado a fazer diferenciações unilaterais e não se terá acesso a tal visão da totalidade. (JUNG [1936], 1987)

Com o Ego ainda em formação, tais sonhos vêm à tona do inconsciente livremente, disponibilizando recursos e ampliando possibilidades para o desenvolvimento da psique. (FORDHAM, 1994)

A criança está muito próxima do inconsciente coletivo e com o Ego ainda em formação. Os temas arquetípicos surgem mais frequentemente do que nos adultos.

Entretanto, por se estar lidando com uma psique em desenvolvimento, não se deve atribuir significado excessivo ao material arquetípico em crianças. (JUNG [1936], 1987)

A criança se alienaria da realidade tendo dificuldade em conectar-se com o mundo externo, corresponder às demandas do desenvolvimento, permanecendo em um mundo de fantasia. O trabalho com ela é sempre na direção do desenvolvimento do Ego.

Como o mundo arcaico está ainda muito próximo na criança, nota-se com facilidade o fundo coletivo nos seus sonhos. Os arquétipos têm um papel significativo na fantasia infantil. Eles trazem à consciência temas, estruturas ainda muito vivas para a criança. (JUNG [1938], 2011, p. 105)

Os contos de fadas provocam uma impressão tão forte porque mobilizam o mundo arquetípico; eles são facilmente assimilados pela criança porque possibilitam a expressão de alguma coisa que já está ativa nela: proporcionam-lhe conceitos e possibilidade de elaboração para conteúdos que já estão lá na psique. A personificação dos conteúdos inconscientes permite à criança a assimilação pela consciência: ela pode falar sobre eles, dramatizar, representar e agregá-los à sua vida consciente.

Os sonhos são, na maioria dos casos, uma reação do inconsciente a uma situação consciente. Ao entrar em contato com o material onírico, deve-se levar em conta o contexto simbólico do inconsciente do sonhador e a sua situação psicológica atual. No caso de sonhos infantis, Jung ([1936], 2011) recomenda uma investigação sobre a situação familiar e o material do inconsciente dos pais. Ele reafirma a sua posição de que a psique da criança expressa o material inconsciente de seus pais. Os sonhos arquetípicos nos adultos estão sempre associados ao processo de individuação. A função deles é auxiliar a integração dos conteúdos do Ego e do *Self*.

De acordo com Jung ([1936] 2011), a criança está em uma etapa de formação do Ego e, muitas vezes, imagens arquetípicas são assustadoras e repugnantes para evitar que ela se perca no mundo da fantasia. Não representariam a interação da consciência com o *Self* visando a individuação, mas sim ameaças à integridade do Ego.

“No caso desta criança, porém, não é individuação; o sonho produz imagens repugnantes para prevenir que ela se perca na fantasia. A criança deixa-se levar na fantasia e o sonho protege-a disto.” (JUNG [1936], 1987, p. 86)

Os arquétipos são apontados por Jung ([1934], 1976) como funcionamentos preordenados e acontecem tanto com os seres humanos como com a natureza em geral: os arquétipos nos compõem e por eles somos moldados. Não se necessita de aprendizado, pois fazemos o que os nossos ancestrais sempre fizeram.

Ainda que os sonhos de crianças, com muita frequência, apresentem símbolos coletivos, Jung ([1936], 2011) não recomenda que se trate de arquétipos nos sonhos de crianças. Na prática, o autor recomenda que se deve estar sempre atento aos movimentos da psique e buscar estabilizar a consciência, ainda em formação, da criança. Além disso, propõe que se utilizem o desenho e a escrita como formas de possibilitar a assimilação desses conteúdos à consciência.

A interferência do terapeuta deveria ser pouco interventiva, para não enfatizar os conteúdos inconscientes numa fase em que toda a psique está voltada para o desenvolvimento e estruturação do Ego.

No entender de Jung ([1936], 1987), por volta de 8 e 9 anos ocorre a transição para uma consciência maior do Ego. A criança liberta-se de laços familiares mais fortes, já experimentou uma parte da realidade e adquire maior autonomia. A libido que estava atada aos pais desconecta-se e é disponibilizada para as relações com o mundo e o inconsciente.

Ao ir à escola, o mundo da consciência amplia-se. Ela passa a percebê-lo de forma diferente de quando tinha contato apenas com a família e começa aprender a tornar-se consciente:

“[...] Os primeiros anos de escola trazem algumas dificuldades de adaptação para a criança. O processo de desenvolvimento da consciência inclui o perigo de que algumas vezes ocorram fenômenos de divisão entre a consciência e o mundo da fantasia. Manifesta-se em crianças que ficam ‘no ar’ incapazes de prestar atenção. [...] É como se tivessem uma fenda por onde tudo vaza.” (JUNG, [1936], 1987, p. 134)

Jung ([1936], 1987) nota que, quando ocorre o desenvolvimento da consciência, surge o perigo de divisão. Sempre que algum conteúdo do inconsciente coletivo alcança a consciência é percebido como invasor. Conseqüentemente, a existência de tensão entre o mundo da fantasia (inconsciente) e a realidade é uma situação tipicamente infantil.

Os monstros que surgem nos sonhos infantis representam o lado instintivo, a representação da natureza primitiva do instinto. Jung defende que quando a criança corre o risco de se afastar de sua natureza, desce, por meio dos sonhos, às profundezas da psique, encontrando o instinto que recupera a consciência corporal. O infante precisa retornar a um estado que já foi experimentado antes, pois só é possível progredir a partir

de bases já conhecidas. A psique regride para formas arquetípicas, mas é um “[...] *recolher para ser capaz de pular mais alto.*” (JUNG [1936], 1987)

Com o decorrer do tempo, emergem conexões, pontes, a partir das quais começa a desenvolver-se uma coerência na consciência. Mas, mesmo assim, as condições infantil e primitiva permanecem e, apesar das conexões, a consciência nunca será contínua. Não se pode contar com a inteireza da consciência.

Quando tal divisão apresenta-se como perigosa, trazendo riscos para a psique, o inconsciente busca a integração desses conteúdos por meio dos sonhos, nos quais a criança precisa deparar-se com o desconhecido que está na própria psique. As suas identificações com conteúdos do inconsciente coletivo podem ser perigosas para a sua psique em formação. A consciência não percebe tais identificações, mas a natureza sabe e o inconsciente reage a tais identificações que aparecerão nos sonhos.

Os sonhos da infância que são lembrados ainda na vida adulta não são comuns, eles contêm conteúdos mantidos na memória por sintetizarem períodos importantes do desenvolvimento daquele indivíduo. São memórias, aparentemente, sem importância, mas em cujas proximidades existem eventos ou condições substanciais para o desenvolvimento da criança. A sabedoria da natureza fala em tais sonhos:

“Se coisas impressionaram-nos profundamente na infância, devemos assumir que algo muito importante permanece que nos impressionou tanto ou que um evento muito importante aconteceu nas suas vizinhanças e que mantivemos na nossa memória alguma coisa que é significativa para todo o curso posterior de nossa vida.” (JUNG, [1936], 1987, p. 136)

Jung ([1936], 1987) conclui que os sonhos de crianças pequenas são extremamente importantes, pois trazem rico material arquetípico e antecipam padrões de funcionamento da psique. Ele destaca, porém, que durante o desenvolvimento, os sonhos delas vão ficando cada vez menos relevantes. A partir do critério do autor, na puberdade e até aproximadamente 20 anos, os sonhos voltam a ter importância. Depois disso, tornam-se novamente cotidianos até que, finalmente, adquirem importância maior após os 35 anos. JUNG ([1936], 1987)

Como o sonho atende às necessidades da totalidade da psique e não são meras reproduções de experiências anteriores, Jung considera a sua importância a partir do processo de individuação. Nesse contexto, a interesse dado aos sonhos por Jung corresponde às fases de desenvolvimento, em que o contato com o *Self* seria preponderante.

Não sem motivo, o estudo dos sonhos infantis não recebeu a devida relevância na teoria junguiana. O interesse de Jung era pelos arquétipos e sua expressão na psique infantil, e não no processo terapêutico em crianças. (FORDHAM, 1994)

2.2. Marie L. Von Franz

Marie foi colaboradora de Jung desde que o conheceu, aos 18 anos, em 1933, e por mais de trinta anos. Inicialmente, traduzia os textos do grego e latim para as pesquisas do autor sobre alquimia. Este trabalho despertou seu interesse pelo tema e se tornou psicoterapeuta, analista e conferencista do Instituto Jung de Zurique até sua morte em 1998.

Os sonhos compunham o seu campo de interesse e pesquisa, tendo escrito vários livros sobre o assunto. Para ela, eles são vistos como fenômenos naturais, surgem da natureza. Sobre esta questão, a autora comenta:

“[...] eles possuem uma inteligência superior, uma sabedoria e uma perspicácia que nos orientam. Eles nos mostram em que aspectos estamos enganados e nos alertam a respeito dos perigos; predizem eventos futuros; aludem ao sentido mais profundo de nossa vida e nos propiciam *insights* reveladores.” (VON FRANZ, 1988, p. 24)

Por meio dos sonhos se estabelece um contato entre o *Self* e o Ego, que parece orientá-lo para uma atitude adaptada para a vida e o desenvolvimento. Os sonhos seriam engendrados em uma matriz interior, com o propósito de harmonizar as necessidades da vida consciente com o inconsciente do sonhador.

Os sonhos nos instrumentam para enfrentar os eventos de nossas vidas, sejam eles agradáveis, sejam dolorosos. Eles nos ajudam a encontrar um sentido e nos preparam para realizar o potencial de vida que há em nós.

“Os sonhos nos indicam onde se encontra nossa energia e para onde ela quer ir. Todo sonho é uma mensagem útil que propicia um insight sobre o sentido específico de uma situação também específica da nossa vida. Noite após noite essas mensagens se repetem [...] Se estudarmos nossos sonhos por um certo tempo, começaremos a perceber conexões significativas entre eles. Parece haver uma força diretriz que nos guia até o nosso próprio destino individual.” (VON FRANZ, 1988, p. 214)

Os sonhos apontam o desconhecido dentro de nós. Por este motivo, não é possível interpretar os próprios sonhos nem perceber o nosso desconhecido interno.

Como coloca Von Franz, “[...] *não podemos ver as nossas próprias costas.*” (VON FRANZ, 1988)

Muitos dos nossos sonhos nos dizem coisas que não queremos ouvir naquele momento. Ele nunca nos revela o que já sabemos: sempre indica para o desconhecido, para o que não conhecemos, o nosso ponto cego. O mundo apresentado por eles, apesar de importante, não deve ocupar a nossa vida como um todo: isso nos tornaria alienados, esqueceríamos a nossa vida concreto. O mundo dos sonhos torna-se perigoso quando domina inteiramente a vida do sonhador e é positivo quando serve para estabelecer o diálogo e equilíbrio entre o consciente e o inconsciente.

Von Franz (1980) pontua que não existem sonhos bons ou ruins, eles apresentam a realidade da psique da forma como ela é. A qualificação é dada pelo Ego do sonhador. Os sonhos retratam um evento natural, é o fluir constante da psique sem a predominância das necessidades da consciência.

“[...] como Jung demonstrou com muito mais freqüência os sonhos retratam um ‘evento natural’ psíquico completamente objetivo, não influenciado pelos desejos do ego.” (VON FRANZ, 1984, p. 11)

A autora estabelece uma diferença entre os sonhos em diferentes etapas da vida. Na primeira metade, eles referem-se ao desenvolvimento e adaptação da psique à vida exterior, terrena, material. (VON FRANZ, 1984). Na segunda metade da vida, passam a dirigir a pessoa a recolher-se e desenvolver o conhecimento do que se passa por trás da vida aparente. Os últimos sonhos de uma pessoa são uma preparação para a morte. Como já dito, eles nos instrumentam para as situações com as quais nos depararemos ao longo de nossa existência, a morte inclusive.

Para a autora, pessoas em estado de depressão muito forte não sonham. Quando a depressão involui e os sonhos voltam, elas passam a sentir-se melhor. Ela atribui também capital importância aos sonhos infantis. Como na primeira metade da vida há um movimento em direção à adaptação à vida, os sonhos de jovens e crianças auxiliam neste percurso. Ela defende que os sonhos mais precoces de uma criança contêm padrões que se repetirão por toda a vida. Caso se consiga “ler” tal padrão, poder-se-á apreender daí o padrão vital que norteará toda a vida futura. (VON FRANZ, 1980)

Von Franz refere-se aos pesadelos como muito importantes: “[...] *são eletro choques que a natureza aplica em nós quando quer que despertemos.*” (VON FRANZ, 1988). O momento em que se desperta é o ponto que o Ego precisa assimilar, tomar

consciência de atitudes ou fatos que precisam ser modificados, poder dar continuidade ao desenvolvimento. O conteúdo do pesadelo não pode ser deixado de lado.

A análise consiste em educar as pessoas a ouvir a sua voz e direção interior e poder segui-la com o auxílio dos sonhos. O terapeuta não pode interferir na vida do outro. O sonho é um conteúdo que emana do próprio paciente, o terapeuta é apenas o tradutor. Pode-se, mediante os sonhos e sem preconceitos, descobrir o que a psique profunda daquela pessoa tem a lhe dizer. Não cabe ao terapeuta interferir nesta conversa. (VON FRANZ, 1988)

De acordo com as ideias de Jung, a autora atesta que os sonhos têm uma finalidade. Dessa maneira, observando-os, pode-se discernir por onde a energia psíquica tende a ir naquele momento. Os sonhos, estabelecendo o contato entre o consciente e o inconsciente, mapeiam o fluxo de energia (VON FRANZ, 1981), vivificam a nossa vida, colocando-nos em contato com o fluir dela em nós. Este contato com o inconsciente possibilitado mediante os sonhos estabelece a relação com a profundidade da nossa psique. Conforme Von Franz “[...] *toda noite, tomamos um gole de água da vida e se compreendermos o sonho, seremos vivificados.*” (VON FRANZ, 1988)

Os sonhos abrem muitas possibilidades de contato com a psique. É difícil discriminar até que ponto aquele sonho refere-se à realidade subjetiva, relacionado ao Ego e até que ponto refere-se à realidade objetiva, respondendo às necessidades do *Self*. A sugestão de Von Franz é que eles não sejam interpretados, relacionados ao Ego, “psicologizados” (VON FRANZ, 1984, p. 180). Ao invés disso, devem ser deixados “no ar”, para que a psique possa usufruir de toda ampliação trazida pelo contato com o mundo arquetípico.

2.3. Marion Gallbach

Gallbach é terapeuta junguiana em São Paulo, com formação no Instituto C.G. Jung de Zurique e membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Sua pesquisa refere-se ao trabalho com sonhos vivenciados em grupo.

Gallbach (2003) ressalta que o significado do sonho é único para cada sujeito e o terapeuta não possui uma interpretação para oferecer ao sonhador; lhe caberia criar condições para o paciente encontrar o seu significado e compreendê-lo, tornando-o, assim, consciente. A interpretação não seria indicada, pois o sentido do sonho só

poderia ser apreendido pelo próprio sonhador. Além disso, ele possui tantas conexões que atrelá-lo a uma única interpretação reduziria as suas possibilidades.

Nos grupos vivenciais de sonhos, a finalidade seria que, por meio de exercícios propostos, o sonhador pudesse compreender e se apropriar do conteúdo do seu sonho:

“ ‘Compreender’, aqui, é formulado da maneira mais ampla possível: implica entender seu sentido, realizá-lo, trazê-lo para a vida e deixar que exerça influência sobre ela.” (GALLBACH, 2003, p. 15)

Apesar de o sonho ter um surgimento espontâneo e não dirigido pelas necessidades da consciência, tem a função de compensar e conectar a consciência com o inconsciente. “*O que vemos ou vivenciamos nos sonhos tem continuidade e influência sobre nossa vida desperta.*” (GALLBACH, 2003, p. 18)

A proposta de Gallbach de abordar o sonho sem interpretá-lo nem relacioná-lo a algo externo às próprias imagens oníricas corresponde à forma como a criança traz os sonhos às sessões de psicoterapia: não faz associações com fatos de sua vida pessoal. Por outro lado, as imagens dos sonhos causam grande impacto e reverberam na psique.

Entende Gallbach (2003) que quando um conteúdo do inconsciente se aproxima da consciência transforma-se em fantasia com uma dramaticidade semelhante à do teatro clássico. Como se está frente a um enredo do teatro psíquico, existem várias abordagens relativas ao material onírico: trabalhar sobre o relato visando a articulação temporal ou lógica, a articulação dramático-afetiva, a elaboração de imagens, vivências e símbolos.

A autora ressalta que a ansiedade do terapeuta em dar um sentido ao sonho ouvido reflete a necessidade de interpretar e dar um sentido pessoal àquele trazido pelo cliente e propõe:

“Penso o sonho enquanto estímulo e fonte do diálogo interior, a partir do qual o processo de individuação pode ocorrer e se revelar, diante do qual o papel do analista seria menos o de interpretar e mais o de facilitar o sonhador a abrir-se e relacionar-se com sua própria linguagem e vivência onírica, visando a que ele próprio se dê conta do que ocorre no seu sonho.” (GALLBACH, 2003, p. 117)

A atitude esperada do terapeuta seria acolher o sonho, dando condição para que o sonhador de qualquer idade realize o processo de apreensão do sonho do seu próprio modo e tempo. A interferência do terapeuta seria apenas como facilitador, para que este contato com o inconsciente possa ocorrer da forma mais intensa possível. O

acompanhamento feito por este profissional permite ao sonhador entregar-se às imagens oníricas com a garantia de que a integridade do Ego será preservada.

A partir da sua experiência com os grupos de vivência de sonhos, Gallbach (1997) ressalta que, apesar da utilização de espaços e tempo definidos, dando atenção às características objetivas, o sonhador permanece em contato com as qualidades do sonho. Esta permanência e vivência no conteúdo onírico permitem que se manifestem relações significativas entre o sonho e a vida consciente. O adulto tende a uma assimilação do sonho egóica e racional, “traduzindo-o” para a lógica verbal, para as questões da vida consciente.

O trabalho vivencial com os sonhos desenvolve uma atitude de maior cooperação entre o *Self* e o Ego. “*O ego pode assim aproximar-se de sua função natural, como instrumento de realização e de conscientização crescente da totalidade psíquica.*” (GALLBACH, 2003, p. 119)

O sonho apresenta uma linguagem diferente da racional, ocorre em uma dimensão diferente daquela vida em vigília. Ao entrar em contato com os sonhos desta forma, é possível, ao invés de traduzir para a linguagem consciente, abrir-se para o novo, o desconhecido. A linguagem dos sonhos não pode ser traduzida, pois não possui significados fixos. Como assinala Gallbach (2003), temos de nos abrir para esta outra forma de comunicação. Através do trabalho vivencial proposto pela autora, há uma assimilação mais ampla do que aquela racional, pois inclui o corpo.

O trabalho apenas interpretativo com os sonhos diminuiria a possibilidade de expansão da consciência e facilitaria a restrição de todas as possibilidades de apreensão do símbolo, apenas ao racional, àquilo que pode ser entendido pela razão. No entanto, quando ele é abordado de forma holística, favorecendo vivências próximas ou afastadas da consciência, questões mais amplas, globais podem ser consteladas e, inclusive, têm o espaço para se desenvolver. Como diz a autora, a síntese proposta no sonho pode “[...] ocorrer menos num plano mental (de explicações e significados a respeito de si próprio) e mais num plano vivencial (dos sentidos).” (GALLBACH, 2003, p. 234). Este tipo de elaboração proporciona uma integração corpo e psique.

O sonho apresenta fatos e é composto de imagens vividas intensamente e no momento. O seu relato não consegue expressar toda a complexidade de imagens, cenários, ações e sentimentos que surgem no seu decorrer. O Ego não abarca a totalidade nele apresentada. No sonho, todos os elementos constelam-se simultaneamente sem relação de causalidade.

Através de suas experiências com sonhos, Gallbach (2003) propõe que podemos nos abrir para apreender e compreender outro tipo de linguagem, que é característica dos sonhos. Com a abertura para apreender esta outra forma de expressão, ampliaram-se as nossas possibilidades de contato e expressão do mundo onírico. “*O sonho é testemunho, cúmplice e interlocutor ativo do desenrolar da vida.*” (GALLBACH, 2003, p. 27)

2.4. Michel Fordham

Fordham foi o pioneiro no trabalho com crianças, quando se trata do referencial teórico junguiano. Antes dele, Frances Wickes (1966) trabalhou sistematicamente com crianças, mas dentro das sugestões de Jung: foi a primeira terapeuta a aplicar a teoria dos tipos a crianças. Todavia, ela se opõe, em seu trabalho, à investigação dos processos inconscientes em crianças e dá ênfase à psique dos pais: os pais preocupados com a própria saúde mental poderiam proporcionar um desenvolvimento saudável para os seus filhos.

Fordham foi mais além e seu trabalho com crianças traz inovações para a teoria junguiana. Na sua investigação da psique da criança, ele baseou-se tanto em Jung como em Melanie Klein, Winnicott e Bion; realizou um trabalho pioneiro com crianças e deixou um novo modelo de desenvolvimento da psique nos círculos junguianos.

Sua mais radical ruptura com Jung foi descrever ações do *Self* no início da vida e durante a infância: a criança, longe de ser indiferenciada ao nascer, é um ser com identidade desde o nascimento (1994). A partir de seu trabalho com elas, depreende que o *Self* está ativo desde o início da vida e ajuda a montar e a criar o ambiente mediante suas interações, sendo, ao mesmo tempo, o instigador e receptor das experiências da infância.

No início do desenvolvimento estariam presentes o Ego e um *Self* primário. Nesta teoria, o *Self* teria uma dinâmica, um potencial energético e, desta forma, contribuiria para o desenvolvimento do Ego.

O dinamismo chamado por ele de deintegração e reintegração está presente desde o início e se mantém no decorrer de toda a vida. Os conteúdos deintegram-se do *Self*, entram em contato com o meio ambiente e se reintegram ao *Self*.

Deintegração foi o termo usado para a energia que vai para o objeto e reintegração quando a energia retorna para o *Self*. (ASTOR, 1995). Fordham (1993) toma como ilustração deste processo o nascimento como deintegração e quando o bebê é colocado nos braços da mãe após o parto, ele denomina reintegração.

Na deintegração, a criança abre-se para apreender novas experiências e na reintegração retira-se para consolidá-las. Este *Self* primário expressa-se por meio de ações, que têm por fim o contato com o meio ambiente. A relação entre o Ego e o *Self* é contínua e se apresenta como uma dinâmica onde o Ego é uma deintegração do *Self* e mantém uma continuidade com este. (ASTOR, 1995)

A deintegração e reintegração representam um estado contínuo de flutuação que possibilita a aprendizagem: a criança abre-se para adquirir novas experiências e se retira para reintegrar e consolidá-las. (ASTOR, 1995)

Tal conceito de *Self* produziu uma particular teoria junguiana do desenvolvimento do Ego: a interação entre a mãe e o bebê assegura a singularidade da situação, a qual é criada tanto pela criança como pela mãe. Fordham (1994) acredita que a consciência da criança surge da sua relação com a mãe. E este desenvolvimento é inicialmente corporal.

Ao responder às críticas feitas ao trabalho psicoterapêutico com crianças, Fordham (1957) refere-se à infância como um período de muitas e rápidas mudanças: *“As mudanças que ocorrem do nascimento até o primeiro ano de vida, por exemplo, são muito maiores do que as mudanças que ocorrem em um adulto, em qualquer período correspondente de um ano.”* (FORDHAM, 1957, p. 157)

Ainda que aprove a psicoterapia com crianças, concorda com Jung, propondo que quanto menor a criança, mais se justificaria a análise dos pais em lugar da análise da própria criança. Entretanto, na medida em que a criança cresce e ganha estabilidade psíquica, pode-se falar de análise de crianças.

Fordham (1957) distingue a terapia da criança da do adulto e garante que a análise de crianças requer um “dom especial” (*a special gift*) e muita maturidade por parte do analista: ela está mais perto do inconsciente e tem menos Ego do que os mais velhos, requerendo, por isso, mais cautela e sensibilidade por parte do profissional. O autor interessava-se pela forma peculiar com a qual as crianças se expressavam. Tinha interesse em compreender o mundo interno infantil e percebeu que a criança quase obviamente desenvolve a transferência, o que o levou a pesquisar e a escrever sobre o tema.

Na relação com o analista, a psique em formação da criança naturalmente projeta nele padrões de relação que estabelece no mundo. Ao acolher a transferência e contratransferencialmente relacionar-se com a criança, o terapeuta teria um acesso natural ao mundo interno infantil. Além disso, a vivência da situação transferencial / contratransferencial possibilita à criança a alteração destes padrões, quando necessário, para o desenvolvimento da psique.

Ao projetar no profissional padrões estabelecidos de relação e receber dele respostas diferentes daquela que o ambiente costuma apresentar, a criança pode experimentar-se com outros padrões de relação e modificar aqueles que dificultam a sua evolução.

Estudar a psique infantil ajuda a entender a do adulto (ASTOR, 1995). Para compreender a transferência, é fundamental entender a infância: como a criança constrói, no decorrer do desenvolvimento, seus conceitos, sua compreensão do mundo e a maneira de estabelecer trocas. A infância é a fonte de onde brotam os mecanismos do adulto.

Ao falar sobre a contratransferência, Fordham ([1974], 1989) reflete sobre as ocorrências dentro de uma sessão e as diferencia em sistema aberto, onde o paciente e o analista interagem em um contexto desconhecido para ambos e o sistema fechado, que seria a culminação deste processo, quando o profissional consegue interpretar, sinalizando que os limites estão estabelecidos entre eles.

No trabalho com crianças, o terapeuta encontra-se sempre frente ao desconhecido da mesma forma que o paciente. É a partir do desenrolar da sessão que os limites novamente se estabelecem e o terapeuta pode então discriminar os pontos tocados durante as “brincadeiras” vivenciadas. (ASTOR, 1995)

Para Fordham (1994), o material onírico pode ou não ser mais importante do que os demais conteúdos trazidos na sessão. Além dos sonhos, o autor diz prestar muita atenção na transferência e contratransferência e também na infância do paciente, quando se trata de adulto. Desta forma, utiliza nas sessões toda a sua experiência na observação e análise de crianças.

Existe uma relação entre o tipo de sonhos, a transferência e a análise da infância. Se tais questões não forem investigadas, as imagens dos sonhos serão acumuladas e os seus conteúdos não poderão ser assimilados pela psique; permanecem como se fossem histórias contadas e serão tratados pelo paciente e terapeuta apenas como conteúdos objetivos, importando mais os conteúdos da psique objetiva do que a psique pessoal.

Fordham revela que não quer dizer que a psique objetiva, que o material arquetípico não tenha importância, mas sim que tal material seria melhor aproveitado se já se houvesse estabelecido uma conexão do *Self* com o Ego, via um trabalho com a transferência, a contratransferência e a análise do material da infância. (FORDHAM [1978], 1986, p. 29)

É essencial levar em conta tudo o que o paciente traz como relevante, os sonhos inclusive, que não deveriam ser colocados como algo essencial. O paciente passa a trazer sonhos, ampliações e associações de acordo com o desejo do terapeuta, e o cotidiano do paciente fica relegado a um segundo plano (FORDHAM [1978], 1986, p. 33)

Nas sessões de psicoterapia de crianças, especialmente as menores, é difícil discriminar o material onírico: desta forma, o terapeuta deixando-se levar pelo desconhecido permite que a própria criança aponte suas necessidades e o conteúdo a ser elaborado (FORDHAM [1978], 1986, p. 27)

Para o autor, a análise de sonhos de criança, na primeira infância, fundamenta-se em pesquisas neurológicas (movimentos REM) e na psicanálise; relata que um bebê de 9 meses despertava durante a noite agarrado ao berço. Fordham e a mãe concluíram que o ele via um objeto em movimento vindo em sua direção. Na época, a criança começara a receber alimentos sólidos e, entre outros, havia comido peixe. A partir deste e de outros sinais, a mãe inferiu com a concordância de Fordham, que o bebê sonhara que havia sido mordido pelo peixe. Como o bebê não expressa suas necessidades, o terapeuta e a mãe interpretam a partir da própria psique as suas reações. O modo peculiar de funcionamento da psique não é considerado, uma vez que a criança funciona de maneira diferente da do adulto.

Como estava interessado na teoria junguiana, Fordham utilizava certas técnicas, como pedir às crianças que pintassem suas fantasias e sonhos. Ele também questionava sobre os sonhos de cada uma. Na concepção do autor, ao se fazer perguntas, sempre surgirá algum conteúdo, mesmo que a criança se refira a um já ocorrido algum tempo atrás. Além disso, sempre é possível encontrar neles conteúdos arquetípicos.

Embora tenha sido o editor das obras completas de C.G. Jung, Fordham não discutia com ele suas ideias sobre a psique da criança. Entretanto, o trabalho de Jung foi inspirador para Fordham, que partiu deste ponto para pesquisar mais e, a seguir, aplicar suas próprias descobertas sobre arquétipos na infância. (FORDHAM, 1988). Em entrevista a James Astor, Fordham diz que Jung não era a favor da análise de crianças:

“Ele não disse nada contra o meu trabalho analítico. Não disse muito a favor. Escreveu uma introdução para um dos meus livros e em artigos ele escreveu que apreciou muito meu trabalho sobre sincronicidade e meu artigo sobre transferência (1957). Ele nunca se referiu a nenhum dos meus artigos sobre a infância [...] Não é que eu tenha encontrado hostilidade, mas eu estava interessado no processo e ele não era mesmo a favor da análise de crianças.” (Entrevista a James Astor, em 6/4/1988, no seu aniversário de 83 anos)

Fordham (1986) verificou que os arquétipos eram ativos, funcionavam desde o início: as personagens que povoam o imaginário infantil, como bruxas, gigantes, cobras e aranhas são imagens arquetípicas e funcionam como tal. Como já assinalado, o *Self* está constantemente presente, mas no início da vida sua atuação é no sentido de permitir o desenvolvimento do Ego.

Fordham (1994) assinalou também que quando o terapeuta deixa de perguntar à criança a respeito de seus sonhos, estes deixam de ser relatados, misturando-se, então, aos jogos e às fantasias do cotidiano. Daí a interpretação, as associações e amplificações são facilitadas, pois surgem espontaneamente, mas os sonhos deixam de ser contados. Partilhá-los com o terapeuta, a família e os professores auxilia a criança a discriminar seu mundo interno das vivências do cotidiano.

Fordham ([1974], 1989) declara que não nota diferenças entre a atitude terapêutica proposta por Jung para o processo de individuação e a atitude para o desenvolvimento do Ego em crianças. O autor parte da crença na individuação em qualquer idade e discorda de Jung ao propor métodos ou técnicas de educação. Isso não é necessário, porque o objetivo do indivíduo jovem ou desadaptado é fazer naturalmente o que os outros também fazem.

Fordham menciona ter percebido que a atividade arquetípica em pessoas jovens toma uma forma mais pessoal do que na segunda parte da vida. Esta forma será projetada no analista. Estas projeções levam o analista a uma condição de identidade primitiva com o paciente, a partir da qual o Ego mais fortalecido pode desenvolver-se. (FORDHAM [1974], 2002, p. 15)

2.5. Mario Jacoby

Para Jacoby, pesquisas recentes feitas com crianças têm especial destaque para a prática psicoterapêutica, especialmente à análise junguiana. Estas pesquisas sobre desenvolvimento procuram entender com precisão o desabrochar da psique: “[...] *esse*

processo poderia ser descrito, do ponto de vista junguiano, como uma encarnação gradual do self dentro do indivíduo.” (JACOBY, 2010, p. 12)

A partir de tais pesquisas, este autor sugere a existência de um conhecimento escondido que dirigiria a maturação psicológica e corporal do indivíduo. Tal processo receberá também influência dos cuidadores primários e do meio aonde esta criança irá se desenvolver. Na linguagem junguiana, esta seria a base arquetípica da existência humana. Jacoby esclarece:

“[...] por arquétipos nós entendemos as disposições básicas e específicas da espécie que organizam e regulam o comportamento humano e a experiência [...]. Nós podemos vê-los nos sonhos, mitos contos de fadas e na alquimia; isto é, em imagens e seqüências simbólicas nas quais elas se expressam.” (JACOBY, 2010, p. 142)

Tais disposições arquetípicas do ser humano em interação com o ambiente constituem as experiências básicas no inconsciente, a partir das quais se originam os complexos de tonalidade afetiva. Cabe aos cuidadores oferecer ambiente e estímulo suficientemente adequados para que tais mecanismos entrem em funcionamento.

Os complexos de tonalidade afetiva formam-se a partir de um núcleo arquetípico, onde as experiências pessoais se agruparão. *“Os complexos psíquicos sempre se originam no confronto com o mundo.”* (JACOBY, 2010, p. 148)

“[...] um relacionamento único, pessoalmente colorido emerge entre uma determinada criança, com o seu próprio ritmo e temperamento individuais, e a sua respectiva cuidadora materna, também com a sua própria especificidade individual. Assim nós vemos que os padrões básicos arquetípicos são, na realidade, modificados pelo pessoal. Contudo a situação individual, única, é, por sua vez, poderosamente influenciada pelos padrões arquetípicos. Isso naturalmente significa que o que é arquetípico se personifica desde cedo de modos individuais.” (JACOBY, 2010, p. 101)

Os arquétipos podem ser experienciados apenas indiretamente, por meio de seus efeitos: através de sua energia instintual e de suas contrapartes simbólicas. De acordo com Jung ([1934], 1976) os arquétipos compõem o fundamento inconsciente e essencial de nosso ser, que, em si, nunca pode ser conscientemente reconhecido, embora suas manifestações possam ser evidentes nas nossas experiências ao longo da vida.

Na prática clínica com crianças, buscam-se desordens ou feridas da primeira infância que poderiam estar associadas aos sintomas apresentados por ela no momento atual. A qualidade das interações que acontecem entre a criança e os seus cuidadores são determinantes para o processo de desenvolvimento.

Para ter acesso a tais informações, os sonhos apresentam-se como bons indicadores, além das lembranças e da relação transferencial. Na transferência com o analista, o paciente repete padrões centrais da infância, que poderão ser reconstruídos até certa medida pelo terapeuta.

Consoante as pesquisas consultadas por Jacoby (2010), a criança só desenvolve a capacidade para a representação simbólica por volta dos 15 aos 18 meses com o desenvolvimento da linguagem. Antes, ela não teria como produzir imagens que acompanhem e simbolizem suas experiências. O terapeuta só teria acesso a tais desordens através da transferência, onde tais padrões seriam reproduzidos na relação com o terapeuta. Este material também pode ser acessado pela análise do material inconsciente trazido mediante sonhos e fantasias.

As experiências emocionais antes dessa idade são muito mais intensas e com necessidade de serem contidas pelo cuidador. A criança recebe o impacto dos afetos, mas ainda não possui elementos para elaborar e dar a ele um significado. O cuidador atua como uma moldura que dá a tais afetos uma continência e um significado.

Não se pode supor que a criança muito pequena viva imersa em um mundo de imagens sofisticadas tampouco supor que poderia sonhar nesta fase. Ela não pode evocar uma imagem representativa de suas experiências, independente da presença real do objeto; lembra-se de interações ocorridas, mas não é capaz de produzir imagens ou fantasiar nem significar.

Dificuldades, frustrações e inadequações no início da vida estabelecem padrões de comportamento que atuarão pela vida da criança. Tais padrões não atingem a consciência, não podendo, pois, ser acessados e transformados pela psicoterapia. O terapeuta tem acesso a estas interações determinantes da interação da criança com o mundo pela relação transferencial, onde tais padrões serão reproduzidos.

Tais conteúdos também serão representados nos sonhos e fantasias das crianças vivenciadas na sessão de psicoterapia. Quando tais padrões são trazidos para o campo da consciência e vivenciados nas sessões com o analista, poderão então ser transformados. A partir daí, o profissional terá acesso aos padrões e à vivência de uma relação em que o padrão não se repita, sendo possível esperar uma mudança no paciente. Para auxiliá-lo a recuperar-se das dificuldades assim produzidas, mais importante do que habilidosas interpretações seria a presença empática, estando completamente presente e em contato com as experiências subjetivas do paciente. A atitude do terapeuta seria de escuta apurada e acolhimento dos próprios sentimentos e

daqueles trazidos pelo paciente. O analista deixa-se afetar e tocar pelas angústias trazidas pelo paciente.

Ao utilizar a expressão de Stern (1985), um dos autores por ele pesquisados, Jacoby (2010, p. 219) refere-se ao “domínio intersubjetivo”. Neste domínio de profunda relação entre o terapeuta e o paciente encontra-se todo o potencial para o estabelecimento de uma relação humana criativa, onde o paciente pode ser validado pela sua maneira de ser, com um encaixe diferente do que ocorreu em suas relações iniciais. Jacoby refere-se a uma “[...] *inevitável influencia mútua que tem lugar entre o analista e o analisando.*” (JACOBY, 2010, p. 207)

O terapeuta não substitui as vivências do início da vida, mas funciona como um “[...] *outro auto-regulador [...]*” (JACOBY, 2010, p. 230) no campo terapêutico: há possibilidade de experimentar as relações mediante outras vias de contato humano. Tal possibilidade não interpretativa é bastante eficiente quando se fala de crianças, com restritas possibilidades de transformar suas vivências em palavras.

Quando as emoções e conflitos são expressos em imagens, é mais fácil desenvolver uma atitude consciente para lidar com eles. Os sonhos, neste sentido, são de uma valiosa ajuda, sobretudo com as crianças já em condições de transformar suas emoções em imagens.

Jacoby (2010) refere-se à importância deste olhar para o desenvolvimento como ajuda na compreensão do paciente adulto a partir de sua própria experiência clínica; enfoca o desenvolvimento humano enfatizando a necessidade de se entender como nos tornamos humanos a partir das relações com os nossos cuidadores. Ainda que utilize também outros referenciais teóricos, aponta para a utilidade do referencial teórico junguiano.

CAPÍTULO III

3. MÉTODO

3.1. Características do Estudo

O interesse por este tema surgiu a partir do trabalho com crianças em psicoterapia. Elas contam seus sonhos em sessões e o conteúdo que surge neles auxiliam na compreensão e no encaminhamento do processo de psicoterapia. O trabalho desenvolvido caracteriza-se como uma investigação de ordem qualitativa, onde se procura investigar o valor das imagens oníricas no processo de psicoterapia de crianças e também no seu desenvolvimento.

Este trabalho é sobre o desenvolvimento e a maneira como as crianças desde muito cedo produzem conteúdos próprios, destacados da psique dos pais, e indicando conflitos que se referem à história de cada criança.

A literatura e pesquisa em terapia de crianças na psicologia analítica são escassas e trabalhos com sonhos têm ainda menos relatos. O tema mostra-se premente, podendo contribuir com pesquisas nesta área.

Jung foi o autor norteador, pois na sua teoria, os sonhos ocupam um lugar central. Depois dele, Von Franz contribuiu com a observação e trabalho com sonhos e com vários livros publicados sobre o assunto.

Fordham foi um seguidor de Jung que trabalhou com crianças abrigadas durante a Segunda Guerra Mundial. A partir deste trabalho, discordou das ideias de Jung sobre psicoterapia em crianças e o conceito de *Self*. Ele passou, então, a publicar livros e artigos sobre o tema, deixando um legado teórico que possibilita ancorar a psicoterapia de crianças no referencial teórico junguiano.

Recentemente, em 2011, Mario Jacoby publicou um livro sobre psicoterapia junguiana e as descobertas recentes em neurociência, onde sustenta que conhecer o desenvolvimento infantil e a maneira como a psique se forma ajuda entender também a psique do adulto.

No Brasil, o trabalho com sonhos desenvolvido por Marion Gallbach traz muitos pontos de convergência com o trabalho com sonhos que pode ser desenvolvido com crianças.

Os autores foram escolhidos por se referirem ao tema abordado neste trabalho: sonhos. Apesar de não terem desenvolvido um trabalho específico de sonhos de crianças, proporcionam relevantes possibilidades de reflexão sobre o tema.

Os autores foram colocados em ordem cronológica, para proporcionar uma visão de como o tema evoluiu desde que Jung iniciou seu trabalho. Criança em psicoterapia, na psicologia analítica, é uma área do conhecimento que necessita de mais pesquisa e informação. Além disso, o próprio Jung ([1938], 2011) afirmava a dificuldade em trabalhar sonhos com crianças, pois estes não traziam associações e era muitas vezes difícil distinguir entre o sonho e a fantasia produzida em vigília.

Pela observação de crianças em psicoterapia, percebe-se, como Fordham (1994) propunha, que quando indagadas, relatam seus sonhos. Se estes fizerem parte do contexto terapêutico, discriminá-los e contá-los torna-se um hábito. O que se denota diferente do adulto é que enquanto que para este os sonhos trazem uma possibilidade de contato e investigação do inconsciente, na criança a proposta é diferente. O sonho relatado precisa ser vivenciado, representado graficamente; é substancial que esteja relacionado com o Ego em desenvolvimento. Ele traz contribuições da totalidade da psique para o desenvolvimento e estruturação do Ego.

3.2. Sujeitos e Amostra

Os sonhos que ilustram estas afirmações foram colhidos em sessões de psicoterapia de crianças entre 3 e 12 anos nos últimos vinte e dois anos. Os relatos foram autorizados pelos sonhadores ou por seus responsáveis. As faixas etárias foram escolhidas por representarem as fases de desenvolvimento da criança desde o início da possibilidade de diferenciação do conteúdo dos sonhos e da vida em vigília até o início da adolescência. Há também um sonho recorrente na infância relatado por um adulto. Optou-se por uma variedade de idade e sexo, buscando sonhos representativos dos temas abordados.

3.3. Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram o relato espontâneo das crianças de seus sonhos em psicoterapia. Como aponta Fordham (1994), quando o sonho faz parte do contexto da psicoterapia, a criança habitua-se a observá-los e relatá-los.

A forma para trabalhar com os sonhos narrados é escolhida por criança, estimulada a isso pelo terapeuta, que busca sempre auxiliá-la a expressar os símbolos oníricos, concretizando-os em desenhos, dramatizações, argila, massinha ou qualquer outra forma que a criatividade infantil possa sugerir.

O analista interfere pouco nesta escolha, apenas estimula a criança a expressar-se para que o Ego possa apropriar-se do conteúdo e incorporar os recursos apresentados pela totalidade da psique.

3.4. Procedimentos

3.4.1. Período de Coleta de Dados

Os dados foram coletados no decorrer de processos de psicoterapia de crianças nos últimos vinte e dois anos. Os sonhos apresentados foram colhidos em sessões de psicoterapia e supervisão dada a terapeutas que atenderam crianças. Até três anos atrás, não havia intenção de utilizá-los em uma pesquisa. Foram anotados pela sua relevância no processo das crianças acompanhadas.

3.4.2. Local das Coletas de Dados

Os dados foram colhidos na sala de psicoterapia em sessões realizadas com as crianças. Os sonhos sempre foram anotados com a autorização delas.

3.5. Cuidados Éticos

Foram tomados os seguintes cuidados éticos descritos a seguir.

3.5.1. *Parecer sobre o Projeto*

O projeto – Sonhos de criança no referencial teórico da psicologia analítica – foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi aprovado e assinado em 2 de maio de 2011 pelo Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho; está registrado no protocolo número 080/2011.

3.5.2. *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

Foi entregue e explicado pelo pesquisador para o responsável legal para ser assinado pelo mesmo. O termo foi elaborado de acordo com a Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Este também será usado para informar:

- os sujeitos e o responsável, falar das garantias de acesso a informações a qualquer momento da pesquisa, procedimentos, riscos e benefícios relacionados à mesma ou solucionar possíveis dúvidas;
- sobre o direito de retirar o consentimento e deixar de participar do estudo em qualquer tempo sem nenhum prejuízo de qualquer natureza;
- sobre confidencialidade, sigilo e privacidade dos sujeitos em casos de futuras publicações.

3.5.3. *Termo de Compromisso do Pesquisador*

Esse Termo foi entregue, lido e assinado pelo pesquisador e sua orientadora para o responsável da entidade, comprometendo-se a:

- uma atitude científica, ética em seus pressupostos basilares da honestidade, sinceridade, competência e discrição;
- não realizar pesquisa que possa gerar riscos às pessoas envolvidas, em especial aos sujeitos da pesquisa;
- não infringir as normas do consentimento informado;
- comunicar ao responsável pelos sujeitos, pois são menores de idade, todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado, incentivando e proporcionando ao mesmo a oportunidade de realização de perguntas;
- respeitar a negação em participar da pesquisa quando esta partir dos sujeitos, mesmo com a autorização de seu responsável.

CAPÍTULO IV

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão descritos sonhos de crianças de 3 a ...anos, sendo ...meninas e ...meninos. Estes sonhos foram coletados em sessões de psicoterapia com o consentimento dos responsáveis ou do próprio paciente quando já adulto. Desta forma, o texto é próximo e, às vezes, fiel ao relato feito pela própria criança.

A partir dos seus sonhos coletados em sessões de psicoterapia, é possível concluir que a utilização deste material no trabalho auxilia o terapeuta na compreensão do processo de desenvolvimento e dificuldades vividas por aquela criança. Os sonhos indicam como ela se encontra naquele momento e quais conflitos estariam provocando sintomas que impedem o desenrolar natural da vida. Além disso, o contato com o inconsciente promovido pela atenção dada aos sonhos possibilita a atenção ao processo de individuação e leva a criança a desenvolver o hábito de “ouvir” seu próprio inconsciente como uma atitude para a vida.

No trabalho com crianças, não se deve ter a expectativa de interpretar o sonho como se faz com o adulto; ela ainda está em fase de desenvolvimento e, apesar de o sonho possibilitar o contato com conteúdos inconscientes, a ênfase está na estruturação e desenvolvimento do Ego. O conteúdo onírico relatado e vivenciado nas sessões de terapia possibilita ao Ego em formação entrar em contato e se apropriar de recursos da psique; oferece também ao terapeuta informações essenciais sobre os conflitos apresentados pela criança naquele momento e viabiliza que o terapeuta e a criança apropriem-se de ferramentas disponíveis para proporcionar o desenvolvimento.

Para a criança, o sonho deve ser, de alguma forma, vivenciado, concretizado, pois a psique em desenvolvimento não possui ainda os recursos necessários para simbolizar. Ao contá-los ao analista, passa a prestar mais atenção ao material onírico e também a ter uma discriminação mais precisa da vida consciente e inconsciente.

4.1. Comentário de uma Menina de 10 Anos (2012)

“O sonho é esquisito. Ele nunca tem um final direito. Às vezes, pode até ter um final, mas sempre pula partes. Aparecem pessoas que nunca vimos na vida e pessoas que já vimos, mas é tudo muito estranho. Mas eu acho que a

gente sempre aprende alguma coisa nos sonhos. Por exemplo, você sabe, eu não gosto daquela menina, a C., mas no sonho ela pode aparecer e até me dar uns conselhos bons.”

Esta é uma definição dada por uma criança sem qualquer interferência do pensamento do adulto. O terapeuta serve como uma moldura, a partir da qual ela pode apresentar seus conteúdos e nomeá-los. Com aponta Gallbach (2003), o conteúdo onírico, ao atingir a consciência, transforma-se em uma fantasia com dramaticidade semelhante à do teatro ou cinema. Frente ao enredo trazido pelos sonhos, pode-se abordá-lo das mais variadas formas, desde a interpretativa, focando o relato, até o trabalho com dramatização, vivências e símbolos.

Por estas qualidades do sonho, apresenta-se como um material bastante útil para o trabalho com crianças: é um conteúdo vivo, com carga afetiva e imagens que a criança facilmente expressa de forma verbal, dramática ou gráfica, estabelecendo a conexão entre os conteúdos do consciente e inconsciente.

Com crianças, o terapeuta não conta com o desenvolvimento da linguagem a ponto de possibilitar o relato e elaboração do conteúdo do inconsciente. A criança naturalmente permanece nas imagens e nos sentimentos despertados pelo sonho, reproduzindo imagens, vivências e dramatizando o material sonhado. O sonho permanece vivo no seu imaginário e possibilita a assimilação de seu conteúdo pelo Ego.

Nessa esteira, o trabalho desenvolvido por Gallbach oferece importantes possibilidades de usar o material dos sonhos em uma linguagem que as crianças dominam: vivência, concretização e dramatização. Quando o terapeuta acolhe o material inconsciente apresentado por ela, estabelece-se uma relação de confiança, parceria e intimidade. A partir desta relação estabelecida, a criança atende com facilidade o convite do profissional para penetrar no mundo onírico, sendo dialeticamente possível a construção da melhor forma de trazer os conteúdos para a consciência.

Para ilustrar tais conclusões, segue o relato de sonhos de crianças colhidos em sessões de psicoterapia, onde serão estabelecidas relações entre o conteúdo, a fase do desenvolvimento e a forma da criança trabalhar com o material onírico.

4.2. Sonho Recorrente de Menino de 3 Anos com o Lobo Mau (2009)

“Sonho muitas vezes que estou na floresta sozinho e aí aparece o lobo mau e eu tenho muito medo.”

O lobo mau do conto de fadas, ao aparecer e amedrontá-la em sonhos recorrentes, coloca o Ego impotente frente à ameaça do inconsciente. A partir do formato que o inconsciente oferece, o Ego personaliza o temor do inconsciente e disponibiliza recursos para assimilar o “lobo”, que tornarão o Ego mais estruturado e potente.

O lobo que surge no sonho representa a força do instinto, que, neste ponto, está subjugando o Ego. A partir do sonho, a criança desenvolve recursos que permitam ao Ego assimilar e utilizar esta energia vinda do instinto.

Depois do relato, a terapeuta pergunta ao sonhador como ele poderia proteger-se do lobo mau e a criança responde que isso só seria possível se o Homem-Aranha viesse ajudá-lo. Começou, então, estimulado pelo terapeuta, a dramatizar a luta do Homem-Aranha combatendo o lobo e o super-herói forte e sabido afastou o perigo vindo da floresta. Construiu na sessão a teia protetora do Homem-Aranha e levou-a para casa, sentindo-se protegido do perigo representado pelo lobo mau. O pesadelo não mais apareceu.

A luta entre os conteúdos do inconsciente e o Ego ainda em formação carece do auxílio de forças representadas pelo imaginário infantil. O Ego pode, pois, reagir e se confrontar com os conteúdos assustadores.

Além disso, em outros pesadelos em que se via ameaçado, ao acordar dramatizava lutas entre heróis e monstros assustadores. Como foi referido acima, para Jung ([1936], 1987), a criança confronta-se com o conteúdo arquetípico do inconsciente, mas precisa de recursos do Ego para não se perder ou ser “devorada” pelo monstro arquetípico. O herói surgido vivenciado na sessão com o analista pode ser assimilado pelo Ego e tal recurso utilizado em confrontos futuros.

A criança do sonho tem de assimilar as forças instintivas e o Ego ser equipado por estas forças. Nos sonhos, a floresta é o lugar desconhecido que é preenchido com fantasias que assustam o Ego em formação. Vencer o lobo mau é superar os instintos tão atuantes na idade de 3 anos.

4.3. Sonho de um Menino de 4 Anos (2010)

“Estava deitado havia muito tempo. Tinham pessoas encapuzadas me olhando. Elas começam a dar um sopro e acho o ar frio. Acordo assustado.”

Nesta idade, ela ainda não tem a consciência estruturada o suficiente para dar conta do inconsciente. As figuras que aparecem no sonho são humanas e não animais ou monstros, como é mais comum. Já são aspectos humanos, mas ainda desconhecidos, não fazendo parte do mundo consciente. Estão encapuzados, ou seja, estão ainda em um nível inconsciente. O sopro frio assusta, pois aproxima da consciência, que precisa acolher e assimilar tais conteúdos.

Os elementos encapuzados relatados na sessão podem ganhar vida na personificação e dramatização do sonho. A materialização do conteúdo e a busca do segredo a ser revelado diminuem o medo do inconsciente e possibilitam à criança abrir-se para assimilar e ampliar o campo consciente.

Na opinião de Jung ([1936], 1987), aquilo que nos assombra, que nos assusta nos sonhos são conteúdos que têm de ser assimilados pela consciência, mas as defesas do Ego não permitem. Neste sonho, tais conteúdos surpreendem e, em virtude disso, despertam a criança: não representam ameaça, apenas surgem de forma inesperada.

4.4. Sonho de uma Menina de 4 Anos (2010)

“Eu estava no meu quarto. Estava sozinha e tinha um bicho-de-pé enorme. (Mostra com a mão um círculo de 10 centímetros de diâmetro). Tá no meu braço e escorrega para o meu pé. Eu chuto e saio pulando do quarto em um pé só para ele não voltar. Chego na sala e o bicho-do-pé fica no quarto.” (Cabe aqui uma observação: neste momento, o irmão estava com “bicho-de-pé” e iria ao médico para tirá-lo. A sala é apontada pela criança como um lugar seguro, onde estão os pais).

Aos 4 anos, ouvir falar que o irmão tinha “bicho-de-pé” e iria ao médico para tirá-lo pode ter sido entendido por ela como um evento assustador. O bicho-de-pé não é visível e a necessidade de médico para enfrentá-lo pode significar a gravidade do fato.

A criança nesta idade não tem recursos internos, vivências suficientes para elaborar a notícia que a assustou. Diante disso, o sonho traz elementos para ela defrontar-se com este bicho desconhecido e mostra que existe a possibilidade de enfrentá-lo e ir para o lugar seguro, que seria a sala onde estão seus pais. Sai do quarto, lugar do inconsciente, e vai para a sala, lugar do social, da troca consciente.

A busca da criança pelo lugar onde se encontram seus pais informa ao terapeuta que ela necessita de segurança e informação para proteger-se do bicho invisível e tão

assustador. O medo vem do desconhecido, por isso a psique apresenta a ameaça na forma do sonho. O evento perturbador torna-se consciente e a criança pode adquirir informações que tornem o “bicho-de-pé” do sonho assimilável.

Ao receber as informações do terapeuta, começa a elaboração e, após a sessão, pode fazer mais perguntas que sejam necessárias para que o bicho assustador torne-se conhecido e não mais a ameace.

4.5. Sonho de um Menino de 5 Anos (2009)

“O papai tinha um carro e acelerou rápido e tinha um ninja de rabo vermelho. O papai atropelou o rabo dele. O ninja pegou seu rabo, veio o guarda e prendeu o papai.”

O pai é representado no sonho como muito forte e invasivo, com a sua força atropela um ninja que para a criança é um herói com poderes sobre-humanos. O pai aparece como mais forte, passa por cima do ninja e é reprimido por uma força externa, a polícia. O Ego apenas observa o confronto entre o pai, o ninja e a polícia. O Ego ainda não possui estrutura suficiente para envolver-se neste conflito.

O sonho relatado possibilita uma conversa com a criança sobre as fantasias que ela tem sobre o pai. O pai forte e agressivo não oferece a proteção que ela carece nesta idade. Apenas observa e sente medo. O Ego não pode se opor à figura paterna e, perante tanta agressividade, não usufrui desta força. A figura do pai, para Jung ([1937], 2011), simboliza o pró-criativo, o princípio que dá para a criança o significado do mundo. É o paterno que dá as regras, ajuda a criança a sair do mundo materno e a introduz na vida, conduz e protege a família. Quando não consegue romper no tempo adequado os laços que a unem à figura paterna e superá-lo, o princípio paterno traz uma contraparte destrutiva e ilusória. Pode acontecer que, ao invés de levar a própria vida, ela se veja impelida a realizar a vida do pai.

Neste momento, a criança do sonho apenas torna-se consciente da agressividade do pai. que enfrenta o super-herói e precisa ser contido pela força repressiva externa, a polícia. Com o desenvolvimento, o Ego poderá criar formas de se proteger. Neste momento do sonho, a criança não possui ainda estrutura psíquica para enfrentar a força vinda do pai. Por enquanto, ela somente observa, apenas torna-se consciente.

4.6. Sonho de um Menino de 5 Anos (1994)

“Sonhei que eu era um tiranossauro rex. Mas eu era tão bravo, tão bravo, que fiquei com medo de mim mesmo no sonho.”

Nesta idade, “[...] o mundo consciente, porém, ainda é bem pequeno e se encontra fortemente sob a influência do inconsciente coletivo que ainda está próximo.” (JUNG [1987], 2011)

No sonho desta criança, o Ego encontra-se identificado com conteúdos arcaicos do inconsciente coletivo, ele está à mercê dos instintos. Conforme Jung ([1987], 2011), quando a criança está correndo o risco de alienar-se e ser dominada pelos monstros do inconsciente, tal confronto ocorre. Ao deparar-se com o monstro, que é ela mesma, assusta-se e mediante este encontro com o próprio instinto regride para, então, progredir via consciência corporal.

Aos 5 anos, o Ego está ainda se diferenciando, iniciando o processo de desenvolvimento que o conduzirá à autonomia e à vida adulta. Não há ainda uma estrutura corporal e psíquica que permita à criança combater o instinto devorador que a ameaça. Então, ela recua até o adulto, no caso a mãe, para reorganizar-se. Muda a brincadeira ou interrompe o sonho, para que, em um outro momento, mais fortalecida, possa deparar-se novamente com o instinto ameaçador.

Tal sonho trazido em uma sessão de terapia é dramatizado e o terapeuta auxilia a criança a mobilizar recursos para combater a ameaça trazida pela regressão ao dinossauro. Superar, vencer os animais significa vencer, controlar os instintos.

4.7. Sonho Inicial da Terapia de uma Menina de 7 Anos (2011)

“Sonha que quando as luzes se apagam, um vampiro desce do telhado no quarto do pai. Este vampiro ataca seu pai e chupa todo seu sangue.”

O primeiro sonho trazido para a análise é de especial importância, pois costuma antecipar como transcorrerá este processo; antecipam desenvolvimentos futuros que estão sendo preparados pela psique e mostram também os conflitos iniciais do processo de terapia. (VON FRAN, M.L., 1984)

Esta criança é filha de pais separados, e a separação ocorreu em meio a intenso litígio, que permanece até o momento do sonho e início de terapia. Esta criança teve todo o seu desenvolvimento afetado pelo conflito dos pais e graves situações de abandono. Vive em segurança com o pai, mas é tratada como muito menor e tem sua maturidade e relacionamento social afetados por isso. Falta o princípio paterno, que facilitaria o amadurecimento e a entrada no mundo.

O pai comove-se com o início de vida da filha, razão pela qual tem dificuldade em colocar os limites necessários. A criança sente a fragilidade do pai, que é vítima do vampiro que, na noite, com as defesas de Ego rebaixadas, aparece e chupa toda sua energia vital.

Ela foi convidada a desenhar o vampiro devorador que se apresentou como muito grande, com dentes enormes e muito sangue escorrendo por eles. Foi aconselhada pelo terapeuta a desenhar o vampiro todas as vezes em que o medo do pesadelo aparecesse. Em desenhos feitos nas sessões de psicoterapia, foram procurados recursos gráficos ou na fantasia, para que o Ego pudesse assimilar e neutralizar a ameaça. Tais desenhos auxiliam o Ego em formação e, com os recursos comprometidos pelo grande conflito familiar, a tornar consciente a ameaça apresentada. Ao fazer parte da consciência, o conteúdo vampirizador da psique pode ser controlado e desaparece.

Ao ser motivada a representar seus medos em desenhos, argila ou massinha, a criança consegue trazer os conteúdos ameaçadores para a consciência e deixa de ser assaltada por eles durante a noite. O material onírico é objetivado no papel ou na escultura e pode ser assimilado pelo Ego. O vampiro torna-se um personagem de suas brincadeiras do cotidiano e se torna conhecido, consciente.

4.8. Sonho de uma Menina de 7 Anos (2010)

“Esse é o pior sonho da minha vida, porque eu sempre tenho ele. Veio de um filme que eu vi, de uma boneca que anda e pisca os olhos. Eu estava sentada no sofá e veio uma boneca eletrônica velha que tinha quebrado (ela existe até hoje). Ela tem o pescoço quebrado e os fios aparecendo. Ela achou que eu que tinha arrancado o pescoço dela. Ela estava engatinhando porque as pernas estavam bem gordinhas. Aí ela vinha vindo e eu parei o sonho.”

A criança refere-se aí a um sonho recorrente, que a assusta até o momento atual. O Ego ainda não possui recursos para assimilar o conteúdo do sonho que se repete. Ao relatá-lo, assusta-se novamente e se mostra bastante ansiosa.

No sonho, a boneca ganha vida própria e vai à sua direção buscando atingir a consciência. O brinquedo está quebrado e o pescoço foi arrancado pela própria criança. Como é uma menina bastante amadurecida para a idade e contém muito seus sentimentos, é possível levantar a hipótese de que a agressividade está sendo apresentada para ser assimilada pela consciência.

A criança passava por um período bastante traumático, pois seu pai havia sofrido um acidente de carro com graves sequelas intelectuais e motoras. Repentinamente, ela precisa conviver diariamente com um pai regredido, imobilizado e com crises constantes de agressividade, intercaladas com momentos de pedido de afeto. Não consegue mais reconhecê-la como filha. Os papéis foram invertidos e a criança precisa compreendê-lo e cuidar dele. Sente muita raiva, culpa, carinho e tristeza pela perda.

Como a agressividade contra o pai e toda a situação precisam ser contidas, no sonho, a boneca decepada a persegue e busca um espaço no mundo consciente. Contudo, este sonho gera muita angústia; o problema familiar é muito recente, não pode ser ampliado na sessão. Mas poder partilhar o conteúdo com o terapeuta abre a possibilidade de tornar consciente o impulso agressivo (“não sei por que fiz isso”) e que a boneca não fez nenhum gesto agressivo, apenas apresentou-se à criança.

Conforme palavras de Jung em seu Seminário ([1937], 2011), a criança traz vida para suas bonecas com imagens do seu inconsciente: ela anima, “dá alma” aos seus bonecos, projetando neles seus conteúdos. Nas mãos da criança, o brinquedo é um receptáculo, onde suas potencialidades presentes e futuras são projetadas. Pelo brinquedo, o mundo interno da criança torna-se vivo. Neste caso, o brinquedo, uma parte da infância foi arrancada repentinamente. A psique ainda em formação precisa abrir espaço para cuidar deste pai doente; apesar dos esforços empreendidos pela mãe, perdeu também parte dos cuidados desta, também traumatizada pelo acidente e ocupada com os cuidados do marido-filho.

Neste momento, a sonhadora apenas pode contar o sonho. Não quer mexer no sonho. Está tudo muito recente e dolorido.

4.9. Sonho de um Menino de 7 Anos (2009)

“Tive um sonho de meteoro. A gente tava (eu, minha mãe, meu irmão e a babá) brincando. Aí a gente encontrou a titia. ‘Olha titia, um monte de estrela cadente!’ Aí a gente viu um meteoro que tava caindo. Quando a gente ia correndo para se proteger, eu escorreguei e caí. E aí eu acordei. Eu uso esse truque no sonho: quando não tem saída eu acordo.”

Este menino vive uma situação sem saída. Tem um irmão menor com uma grave deficiência e na época do sonho deu-se conta da gravidade da doença e de não poder ter, como os amigos, um irmão que brincaria com ele.

A situação apresentada no sonho refere-se a um problema que desaba sobre as pessoas sem que se possa ter qualquer controle. A ameaça de destruição vem do céu, da natureza e nada pode ser feito para evitá-la. Igualmente, a deficiência do irmão surgiu de forma inesperada e sem qualquer possibilidade de prevenção.

O sonhador encontra-se sem proteção, pois seus cuidadores estão na mesma situação que ele, à mercê das forças da natureza. O Ego interrompe o sonho por meio do “truque” de acordar, voltar à consciência. É uma forma de recuperar o controle do Ego ainda frágil para dar conta de tal confronto.

É uma criança com muitos recursos. No momento, acordar, usar como ele mesmo diz tal “truque” é um recurso que revela que embora ameaçado, o Ego mantém o controle da situação, está no comando. Esta criança traz os sonhos para a terapia e também os relata aos pais. É possível supor que o contato entre o consciente e os recursos inconscientes está estabelecido. Ele tem condição de proteger-se dos “meteoros” que surgem na sua vida.

O hábito de contar os sonhos no ambiente familiar a instrumentalizar a utilizar-se das ferramentas oferecidas pelo *Self*. O sonho tem um espaço na relação familiar, é valorizado. Este comportamento desenvolvido na família mantém-se no decorrer da vida. É provável que esta criança cresça valorizando e usufruindo das trocas com o inconsciente.

4.10. Sonho de uma Menina de 7 Anos (2011)

“Um dia eu estava na minha casa, à noite com uns amigos. A gente estava dormindo e a gente escutou um barulho e desceu. Lá embaixo, tinha um monte de fumaça que eram fantasmas. Era a minha

madrasta que tinha transformado tudo em fantasma porque ela era uma feiticeira. Aí a gente tinha que se esconder. Eu quase fui morta. A vovó chegou e a minha madrasta mandou os fantasmas irem embora.” (Convém registrar aqui uma observação: os amigos que aparecem no sonho são dois meninos e uma menina que ela conhece desde os 3 anos. Ela diz que eles nasceram no mesmo hospital. Por isso dizem que são como irmãos.)

Fordham (1994) observou que nos sonhos as figuras parentais aparecem sempre como positivas, mesmo que as crianças tenham sofrido maus-tratos. Cria-se uma proteção para tais figuras, pois ela necessita delas para o seu desenvolvimento. Os aspectos negativos dos pais são omitidos ou transferidos para bruxas, fantasmas, madrastas e afins.

A criança vivia, neste momento, uma turbulenta separação de seus pais. O casamento terminou e muito rapidamente a madrasta começou a fazer parte de sua vida. Repentinamente, teve sua vida transformada, perdeu o contato com tias, avós, a casa em que morava e os cachorros. Na sua forma de compreensão, tudo foi tirado por esta madrasta, que era vista como a causadora da separação. Nas visitas feitas à casa do pai, a madrasta a tratava com agressividade, o que fez com que a menina se recusasse a ir à casa do pai. Foram muitas perdas em um curto espaço de tempo.

No sonho, seus amigos de infância, aspectos de sua psique em desenvolvimento, são ameaçados pelos aspectos negativos do materno. A madrasta é uma feiticeira com poderes de matá-la. É desse modo que o materno está sendo vivido neste instante: há uma divisão entre os aspectos positivos projetados na mãe e na avó e os negativos projetados na madrasta.

Embora ela sinta-se bastante ameaçada, a avó paterna aparece oferecendo proteção e neutralizando os feitiços da madrasta. O sonho transcorre na casa paterna, mas em nenhum momento a figura do pai aparece para protegê-la.

A partir do sonho, o terapeuta pode perceber a divisão do princípio materno entre a madrasta malvada e a avó redentora. É possível, então, a partir de uma brincadeira verbal, auxiliá-la a apropriar-se dos recursos protetores do materno (avó) e “brincar” sobre as várias formas em que ela e os amigos poderiam proteger-se, enganar a feiticeira e neutralizar seus feitiços.

A ausência da proteção paterna é percebida pelo terapeuta, mas não pela criança. Conforme foi dito acima, em meio a tantas perdas e a tanta dor, as figuras parentais são preservadas, porque são necessárias para o desenvolvimento.

Segundo Jung ([1936], 1987), por volta de 8 e 9 anos, ocorre a transição para uma consciência maior do Ego. A criança liberta-se de laços familiares mais fortes, já experimentou uma parte da realidade e adquire maior autonomia. A libido que estava atada aos pais desconecta-se e é disponibilizada para as relações com o mundo e o inconsciente.

Ao ir à escola, o mundo da consciência amplia-se. A criança passa a percebê-lo de forma diferente de quando tinha contato apenas com a família. Ela começa a aprender a tornar-se consciente:

“Especialmente em sonhos de crianças podem ser antecipados, de maneira surpreendente, essenciais eventos futuros. [...] Algumas vezes, futuras formações da personalidade, inteiramente estranhas em relação ao presente e que não podem ser justificadas por ele, são antecipadas em processos de desenvolvimento. Se estes sonhos são impressionantes, permanecerão inextinguíveis na memória, às vezes durante a vida inteira.” (JUNG [1938], 1987, p. 18)

Esta consciência maior do Ego e suas possibilidades são vistas também nos sonhos. Por volta desta idade, a criança já diferencia os materiais consciente e inconsciente, e os sonhos possuem uma configuração cada vez mais semelhante à do adulto. A criança recorda-se do sonho e é capaz de relatar e até contribuir por meio de associações com a sua apreensão.

4.11. Sonho de uma Menina de 8 Anos (1988)

“Sonho que estou com a minha mãe e meu pai em uma casa. Esta casa começa a pegar fogo. Eu e minha mãe começamos a fugir e eu vejo que meu pai está dormindo e não percebeu o incêndio. Tenho muito medo, pois não sei se corro com a minha mãe e deixo meu pai, ou se volto para a casa e morro junto com ele. A criança acorda muito assustada.”

A criança trouxe este sonho por escrito, pois tinha ficado muito assustada e escrever aliviou um pouco o susto (a escrita serve para trazer o conteúdo para a consciência). Durante o relato na sessão, ainda estava muito tensa e fez também um desenho da casa pegando fogo e ela e a mãe do lado de fora.

Este sonho permaneceu muito vivo durante a terapia, pois situações iam se apresentando onde a sonhadora precisava decidir entre o próprio caminho e “salvar” os pais.

No momento do sonho, o seu pai estava em uma situação bastante difícil, pois enfrentava graves problemas psíquicos e se recusava a procurar ajuda. Por esta razão, a relação do casal estava abalada e havia a possibilidade de ocorrer uma separação. A menina era poupada dos conflitos e da doença do pai. Mas no sonho aparecem a inconsciência perigosa do seu pai, o risco de destruição e a mãe procurando fugir e levá-la. O conflito vivido pela sonhadora era ficar na inconsciência e ser destruída pelo fogo ou se afastar do perigo com a mãe.

A escrita do sonho tornou-o muito presente e se pôde utilizar a imagem do sonho para identificar os conflitos e a dificuldade da criança em seguir seu próprio caminho. Em muitos casos, a imagem do sonho torna-se mais eloquente do que qualquer interpretação dada pelo terapeuta.

O simbolismo do fogo não foi ampliado nas sessões. A sonhadora estava impactada pela divisão entre o pai e a mãe e foi este o conteúdo trabalhado na sessão. Como Fordham (1974) sugere, a direção é dada pelo paciente, mas cabe ao terapeuta seguir a rumo dado por ela.

4.12. Sonhos de um Menino de 8 Anos (2010)

“Sonhei que estava indo passear com o meu pai e minha mãe de carro. No caminho, veio um bandido para assaltar e acabou matando meu pai. Acordei com medo e fui ficar no quarto da minha mãe, esperando dar o horário da escola.”

“Sonhei que estava preso em um quarto branco e eu também estava todo de branco. Rasguei o braço e saía muito sangue. Fiquei cheio de sangue. Consegui sair do quarto e fui para o banheiro me lavar. O chuveiro já estava ligado e minha mãe morta dentro do box. Acordei com minha mãe me chamando para ir para a escola.”

A criança sente-se ameaçada por conteúdos inconscientes que o Ego não pode dar conta e os pais mostram-se frágeis para protegê-lo. Nesta idade, pai e mãe ainda carregam projeções de força, proteção e controle do Ego, o que não se percebe no caso.

Tanto o pai como a mãe são eliminados pelas forças do inconsciente, e no conflito com os bandidos, o princípio paterno não oferece proteção, cuidado: é dominado e eliminado pelos aspectos sombrios que assaltam o Ego.

No sonho seguinte, existe um corte, uma fenda por onde a energia do Ego se esvai e o princípio materno também está inativo, morto, sem energia. A escola aparece

como um recurso que pode ser utilizado pelo Ego para organizar-se e se recuperar para enfrentar o confronto com o inconsciente.

Estes sonhos também oferecem recursos para que o terapeuta possa envolver mais os pais da criança, pois ambos surgem nos sonhos como frágeis e sem possibilidade de oferecer segurança e estrutura para que o Ego possa desenvolver-se. A criança está tendo uma hemorragia, por onde o fluxo de vida se esvai e o princípio materno também está sem energia vital.

4.13. Sonho de um Menino de 9 Anos Apresentado em uma Sessão de Terapia Familiar (2006)

“Sonho que estou andando de carro com a minha mãe e meu amigo à beira-mar. De repente, surgiu um tsunami que passou a nos perseguir. Eu e o meu amigo saímos do carro e corremos, mas a onda nos atingiu. Eu acordei muito assustado.”

Após o relato do sonho, a criança é convidada a desenhar a situação ameaçadora. Nele, a onda é muito grande e o carro e as duas crianças são tragadas por ela. O relato do sonho e o desenho provocam na criança novamente tensão e ansiedade vividas no sonho.

Indagado sobre ter vivenciado acordado o mesmo sentimento do sonho, ele relata que se sente assim quando a mãe fica muito brava e grita com ele. A partir deste relato, a família passa a falar sobre crises muito fortes de depressão da mãe, ainda não diagnosticada nem medicada. Em tais crises, ela se isola e frente à insistência do filho, que fica muito ansioso com a ausência da mãe, reage com agressividade.

Dessa maneira, o descontrole ameaçador apresentado pelo sonho é identificado. Nele, a clarificação consciente veio por meio do desenho e da conversa posterior, identificando o medo no seu cotidiano. A criança apresentou seus sentimentos, e com o auxílio da família, presente na sessão, o *tsunami* pôde ser identificado.

A criança sente-se ameaçada por conteúdos que surgem e dos quais o Ego não consegue se proteger. Quando a ameaça pode ser identificada, nomeada, o Ego pode mobilizar recursos para entrar em contato e assimilar aspectos necessários para o seu desenvolvimento.

O conflito do sonhador é grande, pois, para acalmar seu medo frente à enorme onda de agressividade, não pode contar com o auxílio e a proteção do materno. A

destruição vem do mesmo ponto de onde deveria estar a salvação. É como se, para proteger-se da mãe, ele procurasse o auxílio materno.

Ao ouvir do filho o seu medo durante as crises depressivas, a mãe é auxiliada por toda a família a procurar tratamento. A sua doença foi identificada a partir do conteúdo deste sonho narrado.

O sonho da criança surgido em sessões de terapia familiar traz, muitas vezes, conteúdos relacionados à dinâmica familiar ou aos elementos da família. No caso desta criança, foi possível perceber que as explosões maternas surgiam como *tsunamis*, pois eram repentinas e ninguém na família sentia-se forte o suficiente para contê-la.

4.14. Sonho de um Menino de 9 Anos (2009)

“Sonhei que estava com meus pais de carro andando entre umas montanhas. No alto da montanha, vi meu avô que morreu. Pedi para meu pai parar o carro e desci. Meu avô apareceu perto de mim. Eu abracei ele e ficamos um tempão abraçados. E ele disse que tinha que ir embora. Eu pedi para ir com ele, mas ele disse que para onde ele ia eu não podia ir. Ele foi embora para longe e desapareceu. Acordei chorando.”

Este sonho ocorreu após a morte do avô, muito próximo da criança. Ele traz a presença do avô querido, a necessidade de o Ego entrar em contato com a perda e aceitá-la, já que o Ego não pode “seguir” o avô perdido.

O vínculo com o avô poderia reter o Ego no seu desenvolvimento, dificultando a elaboração do luto. O sonhador tem 9 anos e sua vida precisa seguir o curso natural. A morte de familiares mais velhos é natural e a psique disponibiliza ferramentas para que a criança possa elaborar a perda. Tal tema pode repetir-se enquanto o Ego precisa elaborar a morte do ente querido.

Em contrapartida, é possível perceber também os recursos que a psique possui, pois, embora apareça a dor da perda, a necessidade da separação é expressada e o avô segue seu caminho e não permite que o Ego o acompanhe. É um momento de elaboração, mas o Ego segue seu caminho de desenvolvimento. Von Franz assim se pronuncia a respeito:

“Parece-me que se pode ‘sentir’ se a figura de uma pessoa já falecida num sonho está sendo usada como símbolo de alguma realidade

interior ou se 'realmente' representa o morto. (VON FRANZ, 1984, p. 17)

No sonho desta criança ocorre um encontro com a figura do avô. O sonhador ressentiu-se muito da perda, e este surge no sonho, despedindo-se, conduzindo-o para a continuidade da vida. A criança pode despedir-se, retomar a própria vida e conta com o recurso da relação com os pais. No sonho, os pais o conduzem para o encontro, respeitam a sua necessidade de reportar-se ao avô e estão presentes para reconduzi-lo.

Ao acordar, relata o sonho aos pais, pode expressar sua tristeza e ser acolhido. O desenvolvimento assim segue seu curso.

4.15. Sonho de Menina de 9 Anos já Apresentando Sinais de Adolescência (2011)

“Apresenta uma série de pesadelos em que se vê enterrada em um buraco ou dentro de um caixão. Acorda chorando e muito assustada.”
(Descrição da terapeuta)

Nas sessões de terapia, além de verbalizar os sonhos, a menina foi convidada a desenhar os conteúdos sonhados, que expressavam temores da própria morte e da perda dos pais.

De acordo com as observações de Jung ([1937], 2011), tais sonhos puderam ser entendidos como preparatórios para a fase da adolescência, que já se anunciava. Ao entrar nela, inicia-se uma intensa transformação na vida global da criança: física, psíquica e social. É um período de muita instabilidade. Nos sonhos são frequentes temas relacionados à morte da própria criança, de seus pais e também de parentes próximos.

De acordo com pesquisas de Von Franz (1984), o tema da morte surge em sonhos indicando transformação. A morte nos sonhos não se refere ao final da vida, mas a períodos de mudanças radicais.

Jung ([1937], 2011) refere-se à adolescência como um período em que o Ego já atingiu autonomia, libertando-se do inconsciente coletivo. A criança já foi para o mundo, escola, amigos, já tem uma personalidade destacada da origem familiar. Neste ponto, defronta-se com o aparecimento da sexualidade, que abala a segurança até então adquirida. Algo totalmente novo e muito forte atinge o Ego.

O adolescente expressa esta invasão e mudança compulsória mediante muita instabilidade e sensação de perda. Nos sonhos, a morte do próprio adolescente, dos pais,

amigos é um tema comum e perturbador. É uma mudança radical, é a morte da infância para preparar-se para a vida adulta

4.16. Sonho Recorrente de um Menino de 10 Anos (2007)

“Sonho que um ladrão entra na minha casa e eu o vejo no final da escada. Mesmo quando estou acordado, tenho medo de ir à sala sozinho e encontrar o ladrão.”

Jung ([1936], 1987) sugere que aos 10 anos, o contato com os sonhos está mais semelhante ao adulto. A criança já possui um Ego mais estruturado, diferenciado e consegue perceber o sonho como uma vivência interna que pode até mesmo trazer ajuda por meio de personagens não tão próximos na vida cotidiana.

Convidado a desenhar o ladrão que o assusta, faz uma série de desenhos em que gradualmente se aproxima do ladrão e quando, finalmente, se confronta com ele, assusta-se ao constatar que ele e o ladrão são idênticos.

O ladrão representa a sombra do sonhador. Jung ([1938], 2011) ressalta que o encontro consigo nos sonhos significa, antes de tudo, o encontro com a própria sombra. Criado em uma família bastante disciplinadora, precisava comportar-se sempre corretamente e aspectos sombrios não tinham espaço para serem expressados e, posteriormente, elaborados. Em virtude disso, a sombra reprimida o “assaltava” quando as defesas do Ego estavam rebaixadas: durante o sono ou quando estava sozinho em casa.

No Seminário de Sonhos ([1938], 1987), Jung registra que um sonho de perseguição significa sempre “[...] aquilo quer chegar a mim”. A elaboração de tal sonho na psicoterapia tem o sentido de fazer estas pessoas aceitarem tais ideias e não resistirem quando um elemento destes tenta aproximar-se delas. Este “outro” em nós tornar-se-á um urso, ou leão, ou um ladrão, porque estamos fazendo isso dele. Se o aceitarmos aparecerá como algo diferente.

Na sequência de desenhos, o sonhador percebe a semelhança entre ambos e, admirado, pergunta se o ladrão e ele são a mesma pessoa. Nas conversas posteriores, pode ir percebendo que se assusta igualmente quando a irmã adolescente ou os amigos fazem coisas que são “proibidas”.

O sonho recorrente aponta para a necessidade de incorporar aspectos da sombra naquele momento e dar prosseguimento ao processo de individuação. A psique apresenta o tema a ser focado pelo Ego nesta hora.

4.17. Sonhos de um Menino de 10 Anos (2008)

“Eu sonho muito com StarWars. Sonho que tenho um exército (com armas do Star Wars e PowerRangers). Eu sou o chefe e os meus amigos são todos também Jedwis e chefes, mas todos abaixo de mim. O prédio onde moro é a base principal. A gente fica conversando de como atacar os Sids. Fazemos planos para destruir o exército deles. O sonho não acaba, ainda não acabou. Eu sonho como se fossem os episódios, e cada dia tinha uma novidade.”

“Eu estava indo com a minha nave para a minha escola e meus amigos nas naves deles. E quando a gente ia chegando na escola para cada nave nossa tinha quatro naves inimigas. Quando acordo, a história continua e no meio do dia continua ainda.”

A mistura do conteúdo dos sonhos com a vida em vigília é muito comum, mas em crianças menores, quando a discriminação entre consciente e inconsciente ainda é bastante tênue. O conteúdo onírico é trazido com elementos muito carregados de emoção, que são mantidos e vivenciados durante a vigília.

O sonhador é filho único e, em muitos aspectos, bastante imaturo. Sofreu forte pressão familiar e na escola pela sua maturidade. Muitas vezes, foi rejeitado pelo grupo e reagia de forma agressiva, o que aumentava a rejeição. O sonho traz elementos compensatórios, em que o Ego fantasia batalhas intergalácticas comandadas pelo sonhador, preparando-o para as batalhas diárias que enfrentaria na escola.

Ele defendia-se da forte pressão sofrida na escola, fantasiando e sonhando acordado. Por conseguinte, experimenta no sonho e depois na fantasia a possibilidade de exercer uma liderança e compensar a rejeição sofrida. Tal comportamento fantasioso distanciava-o ainda mais dos colegas e trazia consequências no aprendizado.

Ao dramatizar com naves de Lego e contando as suas histórias nas sessões, a pressão compensatória do inconsciente diminuiu e pôde enfrentar os inimigos, apropriar-se de sua força, confrontar-se com os inimigos e perceber como efetuar esta “luta” no seu cotidiano, podendo ser aceito no grupo.

Nos conflitos enfrentados na escola, este menino mostrava-se ingênuo, regredido e depois explodia em chutes e socos sobre os amigos. O resultado era sempre uma repreensão, quando então se sentia injustiçado e sem saída. Muitas vezes, nestas

ocasiões, saía correndo pela escola. As imagens trazidas pelos sonhos e fantasias facilitaram a compreensão deste comportamento e, a partir daí, a mudança necessária para o término das “guerras”.

4.18. Sonho de um Menino de 11 Anos (2010)

“Eu tive este sonho no ano passado e nunca esqueci dele. Às vezes, fecho os olhos e penso neste sonho. Eu estava numa guerra muito grande e eu tinha que lutar para salvar uma amiga minha que tinha sido sequestrada. Era uma luta muito grande, mas no final eu conseguia vencer. Quem tinha sequestrado? Não sei direito, mas parece eu tinha sido o diabo.”

Esta criança precisou defrontar-se precocemente com a perda repentina do pai. Foi mais ou menos na época do sonho. Depois da perda, passou a confrontar as figuras de autoridade, exercitando autonomia e o poder do próprio Ego.

Nesse sentido, o Ego fica inflado e o sonhador passa a enfrentar inúmeras “guerras”, com as figuras de autoridade que o cercam. Como a falta da força e companheirismo é muito sentida, no sonho o sonhador enfrenta a guerra com o diabo, o Mal supremo, para poder resgatar a figura de *anima* por ele sequestrada.

Na visão de Jung ([1936], 2011), nas sagas o herói precisa descer às profundezas, deparar-se e matar o dragão para conquistar a virgem. O sonho apresenta elementos de força egóica necessários para que o seu desenvolvimento não seja interrompido pela perda prematura. O sonhador aparece como o herói que necessita confrontar-se com o diabo para poder resgatar a *anima*. O diabo aparece como uma força aparentemente destrutiva, que alcança o limiar da consciência e precisa ser combatida pela força heróica do sonhador, para efetivar o seu contato com a figura de *anima*.

O sonhador relata que as imagens são muitas, pois o sonho tem muitas guerras e muitos detalhes. O sonho permanece no seu imaginário e, não raramente, o sonhador reporta-se a tais imagens.

4.19. Sonho de uma Menina de 11 Anos (2010)

“Eu estava numa caverna que parecia o ateliê da minha escola antiga. Tinha uma sereia e um monte de pessoas desconhecidas. Ela me deu uma bolacha e a flor de Mismili (É uma lenda da Espanha: é cultivada por gnomos que a transformam em caramelos). No sonho, eu

como a flor, mas não os caramelos. Conseguimos sair da caverna. No fim da caverna tinha um lago e uma espécie de pista de boliche e um menino empurra uma das bolas e ela vai para o fundo. Aí tenho um pressentimento ruim: era para sair de lá. Vem, então, uma rocha enorme pegando fogo e passa a me perseguir. Estou então num carrinho de mina, dentro de uma mina, e ando por trilhos de madeira quebrados, sempre perseguida pela rocha. Tem mais alguém no carrinho, mas não sei quem é. Tem muitas outras pessoas em outros carrinhos e os trilhos são de madeira e estão quebrados. Caio, então, num abismo, quebrando os trilhos. O fundo da mina tem muita gente comigo, todo mundo molhado. Tem um palco e uma mulher desconhecida vai começar a discursar.”

O espaço onde se passa o sonho é a sala da aula de arte, lugar de expressão da criatividade, na escola da infância, que a sonhadora lembra como um lugar bastante agradável. A expressão artística sempre foi um canal fácil de expressão para a sonhadora, que se encontra em um espaço que reporta à infância. É um lugar mágico, protegido, onde gnomos transformam flores em caramelos. Mas as flores não se transformam para ela em caramelos, pois em lugar dos gnomos da lenda surge uma figura mítica, a sereia.

As sereias são seres da natureza que vivem no mar e atraem com seu canto os humanos para as profundezas. Elas seduzem as pessoas pelo seu canto, sua beleza. Frente a esta visão e ao ouvir o seu canto, os seres humanos têm a sua vontade enfraquecida e são atraídos para baixo, em sua direção. (JUNG [1937], 2011)

No sonho, a sereia e depois a bola de fogo retiram a criança deste estágio infantil e a empurram para as profundezas, onde uma figura feminina, em um ambiente coletivo fará um discurso que precisa ser ouvido. Para ouvi-lo, a sonhadora precisa ser empurrada, forçada até o fundo, pois sua disposição natural seria permanecer na superfície, no mundo infantil. A bola de fogo passa a forçá-la àquele encontro.

Na maior parte das vezes, o sonho é uma reação do inconsciente a uma situação consciente. Por esta razão, o terapeuta deve sempre levar em conta o contexto simbólico e a situação psicológica individual do sonhador. (JUNG [1937], 2011). Na época do sonho, a adolescência começava a dar os primeiros sinais e esta criança procurava evitar a passagem do tempo, resistindo em comportamentos regredidos e criticando as amigas que já começavam e se experimentar enquanto mulher.

Desta feita, o sonho retira a sonhadora da situação infantil em que flores transformam-se em caramelos e a força a uma descida ao inconsciente para ouvir o discurso do feminino.

4.20. Sonhos de uma Menina de 11 Anos (2011)

“Sonhei este sonho há mais de cinco anos. Ele às vezes volta. Sonhei que estava com meu pai, minha mãe, minha irmã e minhas duas primas no deserto e a gente não tinha o que comer. Aí a minha prima transformou-se num frango, a gente comeu e depois ela voltou ao normal.”

É menos comum podermos analisar série de sonhos em crianças do que em adultos. A criança não costuma apresentar constância no relato deles. Caso o que foi relatado em sessão tenha um conteúdo assustador ou angustiante, a criança demora a trazer outros sonhos para a terapia. Se ele trouxer elementos positivos para a criança, ela tende a repeti-lo e fantasiar sobre ele, quando indagada pelo terapeuta.

Quando é possível observar série de sonhos, pode-se perceber, conforme Jung ([1936], 2011), que estes se conectam em um caminho de significados. É como se tentassem dar expressão a um conteúdo central visto sob vários ângulos ou mostrassem a evolução psíquica de um determinado tema.

Ao observar os conteúdos oníricos em série, o terapeuta pode encontrar correção ou confirmação das hipóteses levantadas.

A prima tem a mesma idade que a sonhadora e elas são muito próximas. O sonho foi considerado esquisito, mas não um pesadelo. Esta criança é muito tímida, reservada e insegura. Não conhece os “frangos” que possui e por isso teme qualquer situação nova. Os “frangos” escondidos foram usados como uma metáfora para o enfrentamento de situações novas.

A prima, do mesmo sexo e mesma idade, representaria aspectos que a sonhadora ainda não incorporou ao Ego e, por isso ficam projetados. Por esta razão, está sempre insegura e amedrontada no seu contato com o mundo. É o recurso que pode ser acessado e aplacar a fome de toda a família.

4.21. Sonhos da mesma Menina (2011)

“Sonhei que estava vindo para cá, mas o lugar era bem maior: parecia uma sala de cinema. Eu tinha duas amigas que também estavam vindo. Em frente tinha uma sorveteria enorme e fomos para lá. O dono era muito chato, não deixava a gente pegar o sorvete. Eu ia pegando do sorvete. Apareceu a minha irmã e a gente continuou

pegando do sorvete.” (Associação: “*Vir para cá é muito bom, eu gosto*”).

No sonho, o espaço da terapia é grande e associado a uma sala de cinema, onde ocorrem as projeções. Aparece como um lugar que possibilita o encontro com as amigas e experimentar alimentos gostosos. É um local de prazer. Existe uma figura de autoridade que tenta impedir, mas a sonhadora mantém o seu desejo e se apropria dos sorvetes.

Esta é uma atitude inédita da sonhadora, sempre muito insegura e tímida. A irmã mais velha recebe a projeção de uma idealização: é descrita como segura, forte, extrovertida e tem muitas amigas. No sonho, quando a irmã aproxima-se da sonhadora, não interfere na sociabilidade nem na conquista dos sorvetes.

Como todo conteúdo muito reprimido, quando emerge na consciência apresenta-se no seu oposto: enquanto em vigília, a sonhadora é tímida e sem qualquer iniciativa, no sonho desconsidera o impedimento do dono da sorveteria e avança para satisfazer seu desejo. É possível concluir que neste momento começa a disponibilizar uma força e autonomia reprimidas até o momento.

4.22. Sonho da mesma sonhadora (2011)

“Sonhei que eu e minha irmã estávamos fazendo aula de caratê e a gente foi num campeonato e a gente ganhou. Aí a minha avó deu um presente: seis joguinhos de game. Destes jogos, três a gente queria e três a gente não queria, porque eram da Moranguinho. A gente não brinca mais de Moranguinho. Aí, a gente queria trocar, mas a minha avó não deixava e também não saía de perto da gente. Aí, ela sumiu e a gente trocou os joguinhos. Aí, ela apareceu e ficou muito brava.”(A avó que aparece no sonho é a paterna).

A série relatada mapeia a direção da psique, de um espaço de repressão e conquista mais coletivo, menos pessoal, para o espaço familiar. A força, os recursos egóicos já se apresentam, pois a sonhadora consegue o prêmio vencendo uma luta. Conta, ainda, com o auxílio da irmã, que representa aspectos a serem assimilados pela consciência.

Como no sonho anterior da sorveteria, existem o prêmio (sorvete, joguinho) e a repressão vinda do adulto. Como o sonho anterior, a sonhadora busca burlar o impedimento e satisfazer seu desejo.

Este não é um comportamento com o qual a sonhadora se identifique. É sempre submissa às ordens dadas pelos adultos e quando levada a fazer escolhas busca sempre o referencial da irmã ou de amigas.

A avó que aparece no sonho e vista por ela como muito autoritária, apesar de amorosa. É difícil dizer-lhe não. No sonho, a avó tenta mantê-la em uma condição infantil, mas o Ego reage e não se acomoda a esta condição. Os recursos se fazem presentes, cabendo ao terapeuta auxiliar a sonhadora a superar a insegurança e poder dar rumo ao seu desenvolvimento.

4.23. Sonho de uma Menina de 12 Anos (2011)

“Sonhei que ganhei um panda bebê que se chamava Mila. E ele andava sem coleira, com a gente na rua e ninguém ligava: ele entrava nas lojas e no supermercado. Panda nem é meu bicho favorito, mas é bonitinho. Mila é uma menina que eu odeio na escola. Ela é tipo uma escrava da M. Ela é meio bobona, chata..., ninguém gosta dela.”

No início da adolescência, o apoio e a aprovação do grupo têm grande importância. Esta criança precisa aceitar e ter ao seu lado conteúdos “fofinhos”, com os quais não se identifica. Necessita muito da aprovação do meio, pois é extremamente ligada à família e sem este apoio não conseguiria se diferenciar.

O panda é um animal selvagem, mas que, no sonho, está domesticado, é “carregado”, mas de forma inofensiva. A força instintiva presente no início da adolescência, que, muitas vezes, é representada como um animal selvagem (Jung [1936], 2011), neste sonho aparece domesticada e presa pela coleira como se fosse um cãozinho.

A amiga que se deixa dominar pela líder da classe é representada pelo animal, pois sua força também está presa “na coleira”. De certa maneira, a sonhadora vê a própria prisão projetada na amiga e no urso. Ela também se encontra presa na infância, não conseguindo expressar as demandas da adolescência. É uma criança com muitos recursos, mas que se apresenta sempre de forma adequada, como as figuras de autoridade esperam dela.

O sonho aponta para a submissão projetada no urso e na amiga, que dá o nome ao urso.

4.24. Sonho de uma Menina de 12 Anos (2011)

“Eu estava num porão presa, trancada. Aí, eu comecei a cortar a madeira do chão com uma faca. Comecei a cavar. Aí, eu abri uma porta da casa e matei o cara que me prendeu. Ele era um nazista. Aí, eu fugi. Eu acordei, morri de medo e não consegui mais dormir.”
(Nazista = muito ruim, mau)

Esta menina sofria forte repressão familiar ao tentar viver alguns aspectos de sua adolescência. Não fez outras associações. Para enfrentar a repressão familiar, mentia e criava histórias fantásticas. Perdida neste mundo de fantasia, não conseguia se conectar com os colegas de escola nem acompanhar a proposta acadêmica.

Para auxiliar a criança a concentrar-se na escola, a família reprimia qualquer possibilidade de lazer, impossibilitava a vivência de atividades com grupo da mesma idade e tinha aulas particulares inclusive nos finais de semana.

A sonhadora reagia, alienando-se em um mundo de fantasia, o que resultava em um distanciamento do grupo da mesma idade e impedia a aprendizagem. A repressão imposta pela família tinha o resultado inverso do pretendido. O impulso para o desenvolvimento não é impedido pela repressão. A psique da sonhadora tem recursos para buscar o fluir do desenvolvimento e o sonho denuncia a repressão sofrida. Nele, ela não consegue se submeter e busca uma forma de libertar-se. Na sua vida em vigília, opõe-se à repressão fantasiando romances e se recusando a cumprir com as expectativas da família e da escola. Como o valor maior da família eram os estudos, é exatamente aí que se apresenta o sintoma, apresentando a necessidade de buscar ajuda psicoterápica.

O Ego tem recursos para libertar-se da prisão nazista. Além disso, apesar da aparente alienação, pela justificativa da repressão (nazista), a sonhadora demonstra que assimila conteúdos ensinados da escola, já que esta associação de nazismo com falta de liberdade e maldade não vem do meio familiar.

Para Jung ([1936], 1987), os sonhos da infância que permanecem durante a vida adulta não são comuns, mas mantidos na memória porque contêm sínteses da vida humana em períodos mais longos ou mais curtos.

Quando observamos estes sonhos, por vezes não se consegue entender o porquê de eles ainda serem lembrados. Todavia, se mapear o caminho traçado por estes conteúdos, pode-se, em muitos casos, encontrar pistas do porquê terem ganho tamanha importância.

Há coisas que impressionam profundamente durante a infância, sendo preciso assumir que algo muito importante encontra-se lá que tanto tenha marcado, ou que um evento igualmente relevante aconteceu nas vizinhanças que permaneceu na memória. Trata-se de algo significativo para todo o curso posterior da vida. (JUNG [1936], 2011)

A psique possui certa economia: os conteúdos e mecanismos existentes estão lá porque em algum momento foram necessários. Existem memórias da infância que parecem ser completamente sem importância, mas em cujas proximidades há eventos ou condições que são fundamentais para o posterior desenvolvimento da criança. A natureza fala em tais sonhos. A sabedoria da criança é a da natureza e é necessário astúcia para segui-la. (JUNG [1936], 2011)

4.25. Série de Sonhos de um Menino de 12 Anos (2009)

“Eu e meu pai, a gente tava voando. Um cara passou voando, e Ele pegou a gente e deixou a gente preso, com um tipo de gosma. Ele tinha um tipo de um prédio. Eu me liberei da gosma e depois, meu, aí também. Aí, eu e meu pai tomamos o prédio. Aí eu e meu pai íamos na justiça, para tornar o prédio nosso”.

Este menino estava, na época do sonho, em uma fase de muitas mudanças. A adolescência já estava iniciada e ele enfrentava dificuldades, pois o corpo não acompanhava a cabeça. Tinha interesses de adolescente e se ressentia, porque ainda era muito mais baixo que seus amigos e os pelos e órgãos sexuais ainda não haviam crescido.

O pai era muito contestado, pois era bastante próximo e afetivo, mas não representava o ideal de masculinidade, agressividade e força esperada pelo sonhador. Nesta fase cobrava muito do pai esta força, buscava frequentemente limites.

No sonho, o voo, a liberdade almejada por ele é interrompida por um aspecto de sombra que procura impedir a ele e ao pai de voar. Compensatoriamente, ambos tornam-se heróis que podem se livrar dos impedimentos, combater a sombra e tomar posse do prédio. Para isso, utiliza-se dos recursos do paterno, que é um advogado muito bem-sucedido.

A relação com o pai é muito afetiva e a competência profissional reconhecida, embora, na época do sonho, viesse passando por uma fase de muita contestação; o

sonho resgata a relação positiva do paterno, que o conduz na identificação com aspectos do herói, livra-o do masculino sombrio que tenta impedir o seu voo de desenvolvimento

Sonho do mesmo menino

“No sonho de hoje, eu, meu irmão e um amigo dele, a gente pegou um pedaço de pau com uma chama para pegar o mesmo cara do outro sonho. No meio, eu me estressei com eles, e a gente brigava porque não conseguíamos montar um plano. No final, eu não sei como mas pegamos o cara.”

O aspecto sombrio ainda está presente e precisa ser combatido. Este sonho sucede o do pai e o tema repete-se. Pode-se levantar a hipótese de que a psique precisa liberar-se neste momento de aspectos do masculino, que impedem o desenvolvimento. Neste sonho, o sonhador busca o auxílio do irmão (um ano mais novo) e do amigo. O irmão tem características diferentes do sonhador: é extrovertido, tem uma rede grande de amigos, da qual o sonhador usufruiu sempre. No momento do sonho, está ainda mais próximo da infância. Por esta razão, os conflitos entre ambos são frequentes. O sonhador busca no irmão o companheiro de aventuras, mas encontra apenas uma criança; o amigo de infância também está distante e não tem recursos ainda para ajudá-lo nesta luta com a sombra.

A identificação com o masculino paterno parece mais eficiente para superar a sombra, identificar-se com o herói e poder dar seguimento ao seu desenvolvimento.

Sonho do mesmo sonhador

“Sonhei com uma menina que estuda na escola nova. Eu fiquei com ela no sonho. (No sábado eu fui numa balada) Sonhei que na balada eu tinha conhecido essa menina, mas no sonho ela estava feia e eu não fiquei com ela. Ela estava toda diferente: estava alta, o cabelo e o rosto totalmente diferente.”

O sonho foi antes da balada. Ele tinha grande expectativa nesta balada, pois estava muito interessado por esta menina. Nesta fase, encontrava-se com grande expectativa pela mudança de escola, que era vista por ele como uma “revolução”. **“Vai ser legal, vou andar de metrô, vou andar sozinho, vou conhecer muitas meninas bonitas e meninos mais parecidos comigo, mais do meu jeito, menos infantis.”**

A mudança de escola seria um ritual de passagem, apontando para a adolescência tão aguardada. Depois de haver se defrontado com a sombra e com o Ego mais

fortalecido, já pode iniciar o contato com a *anima*. A menina do sonho é uma figura de *anima*. Mas, como a possibilidade deste contato na balada gera muita ansiedade, o sonho apresenta-a compensatoriamente como menos atraente e menos acessível: ela está mais alta e não ter crescido ainda é uma das questões do sonhador.

A série de sonhos mostra como a psique está se desenvolvendo no momento dos sonhos. Apresenta os conflitos vividos e os recursos que o sonhador possui para dar continuidade ao seu desenvolvimento.

4.26. Sonho Recorrente de um Homem na Infância (dos 4 aos 7 Anos em uma Sessão de Psicoterapia, em 2011)

“Eu estava em um quarto com minha mãe. Ela começou a crescer, crescer, crescer e ficar muito, muito grande. Tomou o espaço todo do quarto e eu comecei ficar muito aflito e sufocado. Aí eu acordei.”

Ao relatar o sonho, este homem ainda pôde sentir a aflição por estar sufocado. É um sonho precoce aos 7 anos e cujo conteúdo permanece vivo e atual.

O sonhador precisou lidar no decorrer de toda a vida até os dias de hoje com uma figura materna presente e cujas necessidades se sobrepõem às dele. Além da mãe, tem uma família com muitas mulheres (tias, irmã e primas), todas muito fortes e dominantes. Ser sufocado pela dinâmica materna sempre foi e ainda é um tema com o qual o sonhador se depara.

Como Jung aponta ([1936], 2011), o sonho da infância que permanece na memória durante a vida adulta traz conteúdo relevante que permanece na memória até o presente.

No caso do sonhador, a presença e o espaço ocupado pela figura materna foram determinantes para o desenrolar da vida até o presente. O sonhador sempre foi direcionado nas suas escolhas pelas necessidades maternas. A vida própria fica tolhida, pois, até o momento, é o filho e não completamente um homem adulto.

Conforme as observações de Fordham (1994), quando o terapeuta demonstra interesse em ouvir os sonhos das crianças e quando eles são trabalhados em psicoterapia, tornam-se mais frequentes. A criança discrimina mais a produção do inconsciente. A partir do relato e representação do sonho ao terapeuta, o Ego pode apropriar-se de recursos ou tornar consciente conflitos apresentados pelo sonho.

Segundo Von Franz (1988), os sonhos são do paciente, emanam da sua psique e o terapeuta não pode interferir na vida do outro, tendo em vista que ele atua como tradutor, mediador. Não lhe cabe dar o significado dos sonhos, apenas nortear o contato do sonhador com o inconsciente.

Esta maneira de entender o sonho e sua função parece coincidir com o que é possível observar em sonhos trazidos por crianças em psicoterapia. Se o terapeuta dá condições para que a criança conte, desenhe, dramatize os seus sonhos, há possibilidade de que o contato com o inconsciente seja amplificado, mas orquestrado de acordo com as possibilidades do Ego.

Ao seguir as ideias de Gallbach (2003) e propiciar o contato entre Ego e *Self* mediante as vivências com sonhos, a criança pode expandir a consciência e integrar o corpo e a psique. Para seguir este caminho, é essencial rever o conceito de *Self* proposto por Jung, ampliando para a revisão proposta por Fordham (1994): o *Self* está ativo desde o início da vida e é o instigador do desenvolvimento, contribuindo para a diferenciação e estruturação do Ego.

Fordham (1986) escreve sobre a dificuldade em discriminar o material onírico nas sessões de psicoterapia, principalmente com crianças menores. Portanto, o terapeuta deixa-se conduzir pela criança, pois o objetivo é permitir a expressão do inconsciente.

No trabalho realizado com crianças em psicoterapia, os sonhos sempre estão presentes e trazendo ricas contribuições para a evolução do trabalho. Dar espaço para a expressão da criança é dar espaço para o inconsciente expressado em sonhos, fantasias.

Os personagens oníricos são mesclados com as vivências ocorridas em vigília, reais, o medo é real. A criança não está se referindo a “criancices” quando teme ser destruída pelo lobo mau ou pelo vampiro, mas sim expressando que algo dentro de si se apresenta maior do que o Ego e que pode destruí-la. Este medo a desperta durante a noite e a obriga a buscar o auxílio do adulto que pode protegê-la.

Ao trazer o conteúdo assustador para a terapia, busca formas de livrar-se do medo de ser destruído pelo monstro produzido pelo inconsciente. A proteção que durante a noite foi oferecida pelos pais pode, então, ser buscada na própria psique do sonhador. O super-herói redentor pode ser, durante um tempo, um reforço do Ego para deparar-se e superar o inimigo vindo das sombras do inconsciente.

Nas sessões de terapia, os inimigos são enfrentados com planos de grandes aventuras, com objetos criados com esta função, com truques para enganar o grande inimigo, caso mostre-se resistente a ser eliminado. Os conteúdos relevantes e a forma de

expressá-los são sugeridos pela criança, sendo o terapeuta a moldura que oferece a segurança necessária para que o Ego possa apropriar-se deste material, sem o risco de perder-se no inconsciente.

Os seres assustadores como vampiros, fantasmas, espíritos e tantos outros muitas vezes desaparecem frente a um “remédio” infalível. É dito para a criança que estes seres não suportam a visão da própria imagem. Desta maneira, aconselha-se que o objeto do medo seja desenhado antes de dormir e deixado ao lado da cama. Ao aparecer para assombrar a criança e se deparar com a própria imagem, desaparece.

Ao desenhar o monstro assustador com todos os detalhes que assombram, a criança concretiza seu medo, isto é, o traz para a consciência. O “remédio” é infalível, pois, exercitando este mecanismo, o conteúdo torna-se consciente e deixa de assombrá-la em pesadelos.

Assim sendo, o terapeuta acolhe e valida o conteúdo trazido pela criança. É dada ao monstro uma existência real e o Ego é instrumentado a combatê-lo. A criança, sentindo-se potente para enfrentar este perigo, muitas vezes continua trazendo para a terapia motivos de medos ou inseguranças, além dos sonhos.

O conteúdo assustador precisa ser assimilado pela consciência. No momento do relato do sonho, o analista não tem como saber que conteúdo é este nem a que se refere. O monstro desaparece, por vezes sem que se possa identificar a sua origem ou função.

Tal identificação não é necessária ou relevante para a criança. O Ego não abarca a totalidade. Por isso, ela tem no espaço terapêutico a possibilidade de expressar, materializar e elaborar na medida de suas possibilidades, não restringindo a uma compreensão racional. É uma vivência da totalidade.

Em alguns casos, ela relata o sonho, mas se recusa a reter-se em qualquer conteúdo: não quer conversar, representar, desenhar nem fantasiar. O conteúdo já se apresenta, é partilhado, mas o Ego ainda não percebe recursos para elaborar. O fato de partilhar o sonho na terapia já é um sinal de possibilidades de alívio da pressão interna.

Mas não é ainda momento de elaboração. Para Jung ([1936], 2011), as defesas estão lá porque são necessárias. As imagens oníricas já estão no consciente, mas o Ego ainda não está pronto para assimilá-las. As crianças naturalmente retomam tais conteúdos quando é possível a elaboração. Não raramente, trazem novamente o próprio sonho, às vezes este é acessado por meio de conteúdos semelhantes.

Como a criança ainda está muito próxima do inconsciente e o Ego encontra-se em formação, o espaço terapêutico é menos verbal, racional e mais vivencial. Como afirma Jung:

“As crianças começam em um estado inconsciente e crescem em direção a ao estado consciente. Podemos observar durante esse processo, como as ilhas da consciência se fundem até que uma consciência mais continua toma forma. Primeiro as crianças se chamam pelo próprio nome, como se fossem um objeto para si mesmas. Trata-se pois apenas de uma semi objetividade que se baseia na indiferenciação entre sujeito e objeto. Apenas gradativamente a criança emerge desse estado inconsciente e aprende a dizer ‘eu’.” (JUNG ([1936], 2011), p. 111)

No final de um processo terapêutico, uma criança convida o terapeuta a brincar em um barco imaginário como parceiros. Neste percurso, pede que o profissional fique no barco e mergulhe no mar imaginário. No fundo deste oceano depara-se com um buraco habitado por um peixe-dourado, que guarda todos os “ouros, pratas e brilhantes do mundo”. Como executa este trabalho para ajudar os homens, fala a língua dos peixes e também a dos homens.

Durante a brincadeira, a criança pede ao terapeuta que segure sempre na extremidade de uma corda e ela na outra. A criança precisa da ajuda do “amigo” para chegar ao fundo do mar e pede ao peixe que conte ao terapeuta (testemunha) a sua missão.

A intervenção do terapeuta é mínima; não dá para perceber de antemão qual é o objetivo da criança, e qualquer intervenção interromperia o fluxo da dramatização. O terapeuta testemunha o processo e tem a função de manter o Ego, trazendo a criança do fundo do mar depois do contato com o peixe-dourado.

Segundo a proposta teórica de Jung, a criança citada realiza aí um contato do Ego com o *Self*. O Ego “sabe” que não pode ficar no fundo do mar e o peixe “sabe” que não pode ficar no barco. O analista assiste e auxilia o processo, funcionando como auxiliar. Uma intervenção mais pessoal do terapeuta ou uma interpretação poderia interromper este fluxo natural e reduzir este contato a uma simples história contada por ambos. No caso, o que ocorreu foi uma vivência intensa, envolvendo a totalidade de ambos. Como sugere Jung (1971), ambos saíram transformados deste encontro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo discutir a possibilidade de se utilizarem os sonhos no trabalho com crianças em psicologia analítica. Não havia a pretensão de analisar-se o processo terapêutico de maneira geral, mas demonstrar que, quando indagada, a criança relata em sessões seus sonhos e que tais sonhos representam de forma relevante seus conteúdos internos.

Os sonhos possuem uma inteligência superior, uma perspicácia que nos orienta. Fornecem uma linha mestra para lidar com a nossa existência, encontrar o sentido da vida, realizar o potencial de vida que há em nós. Estas qualidades podem ser observadas nos sonhos de crianças.

Os sonhos descritos neste trabalho foram colhidos em sessões de psicoterapia, às vezes espontaneamente, outras por estímulo dos pais e também quando indagados pelo terapeuta. De qualquer forma, fica claro para a criança que no espaço terapêutico esta forma de expressão é possível.

O analista é uma testemunha e um facilitador que pode, a partir deste lugar, permitir a expressão do *Self*, norteador da psique na direção do seu desenvolvimento. As imagens dos sonhos causam um grande impacto na criança, e se este conteúdo puder ser articulado com a via consciente, tornam-se recursos para resolver conflitos, apropriar-se de recursos, redirecionar rumos necessários naquele momento.

Ao partir dos pressupostos da teoria junguiana, o terapeuta deixa-se conduzir pela psique da criança, oferecendo as condições e o contraponto necessário para que esta possa expressar-se.

É de grande auxílio para o trabalho com crianças a proposta de Fordham, que envolve a observação da transferência e a contratransferência. O terapeuta deixa-se tocar pela psique da criança e, desse modo, pode viver a experiência com a mesma intensidade que a criança, o que ajuda a sentir no terapeuta um parceiro.

Ao sentir que o seu mundo e a sua forma de expressão têm lugar no espaço da terapia, este torna-se um lugar de expressão, onde a parceria com terapeuta possibilita uma aceitação e assimilação do inconsciente.

O terapeuta, junto com a criança, representa, dramatiza aspectos da psique infantil, que, vistos desta forma, podem ser conscientizados e modificados. O inimigo com quem a criança briga representado na figura do terapeuta mobiliza na psique infantil possibilidades de ser assimilado.

A força que está represada na figura sombria pode ser combatida e assimilada, são conteúdos que emergem do inconsciente e passam a fazer parte do campo consciente.

A criança vive o combate ou a dramatização do sonho com a totalidade da psique. Naquele momento, tanto o terapeuta quanto a criança são envolvidos nesta assimilação.

Por esta razão, é tão importante a contratransferência e a transferência: se ambos não estiverem completamente envolvidos na vivência proposta pela criança, esta sai do “jogo”, não havendo, portanto, a entrega que resultaria na elaboração e assimilação pelo Ego.

A vida trazida para a sessão de terapia é a vida real e a criança não faz concessões.

Nem sempre é possível distinguir um sonho de um conteúdo produzido pela criança em uma brincadeira. Em ambos os casos, tem-se a expressão do inconsciente. Assim, pode-se dizer que o terapeuta pode entender o material onírico como um produto da totalidade da psique, da mesma forma que a simbolização presente nas brincadeiras infantis.

O objetivo terapêutico é produzir um estado de fluidez, de transformação. A terapia deve possibilitar ao paciente um estado psíquico tal em que se permita fazer experiências com o seu ser, possibilite expressar a sua psique e impedir que o seu ser fique petrificado.

Na dramatização das ameaças oníricas, o outro dentro de si é projetado na figura do terapeuta. Há uma interação, um diálogo do Ego com as projeções feitas sobre o terapeuta.

Quando a criança, durante uma sessão, traz conteúdos com simbologia de *Self*, é comum que se faça silêncio na sala. Algumas crianças chegam a pedir para não serem interrompidas com a fala do terapeuta para não atrapalhar a “brincadeira”.

Nestes momentos, o comportamento da criança e a expressão corporal são de muita concentração, são momentos solenes. Cabe ao terapeuta apenas testemunhar, acompanhar e quando convocado oferecer a contraparte necessária.

A mesma atitude é, muitas vezes, encontrada no relato do sonho. O monstro ameaçador, o fantasma, o vampiro são vivências reais. Naquele momento, a criança está vivenciando a ameaça e, às vezes, chega a chorar e a pedir o colo e a proteção do terapeuta.

Ao observar tal atitude na terapia com crianças, na escuta e trabalho com seus sonhos, pode-se concluir que está de acordo com as metas da psicoterapia junguiana.

A proposta deste trabalho é que as pesquisas com terapia e sonhos de crianças possam encontrar mais espaço de discussão, com o firme propósito, inclusive, de entender-se de forma mais eficaz a psique do adulto.

REFERÊNCIAS

ASTOR, J. Michael Fordham. **Inovations in analytical psychology**. New York & Canada, Routledge, 1995.

BAIR, D. **Jung – Uma biografia**. v. I e II. Trad. Helena Londres. São Paulo: Globo, 2006.

BEZERRA DE MENEZES, A. **O sonho e a literatura: mundo grego**. Psicol. USP. V.11 nº 2, São Paulo: 2000 – artigo versão impressa ISSN 0103-6564.

CHENIAUX, E. **Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica**. Rev. Psiquiátrica RS maio/agosto, 2006; 28(2): pp. 169-177.

FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**. Trad. Marta Rosas. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **Jungian psychotherapy**. Maresfield Library: London, 1986.

_____. **Technique in jungian analysis**. The Society of Analytical Psychology, London [1974], 2002.

_____. **New developments in analytical psychology**. Routledge and Kegan Paul Ltd, Bristol, 1957.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. O.C.IV: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GALLBACH, M. R. **Grupo de vivência de sonhos: uma investigação sobre formas de trabalho com sonhos**. Universidade de São Paulo / Instituto de Psicologia, São Paulo, 1997.

_____. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2003.

GONTIJO, T. **“A arte de sonhar”**. Epistemo-somática, v. 3, Belo Horizonte, dez. 2006 – artigo versão impressa ISSN 1980-2005.

JACOBY, M. **Pesquisa junguiana e pesquisa contemporânea com crianças**. Trad. Alexandre Schmitt. São Paulo: Paulus, 2010.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes [1915], 1972.

_____. **A prática da psicoterapia**. Trad. Maria Luiza Appy O.C. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. **Psicologia do inconsciente**. O.C. VII/I. Trad. Maria Luiza Appy Petrópolis: Vozes, [1916], 1978.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. O.C.IX/1 Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy: Vozes [1934], 1976.

_____. “Definições”. O.C. In: **Tipos psicológicos**. Trad. Lucia Mathilde E. Orth VI. Petrópolis: Vozes [1920], 2003.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. Trad. Dom Matheus Ramalho Rocha O.C. VIII/I. Petrópolis: Vozes [1928], 1985.

_____. **Children's dreams**. Trad. Ernest Falzeder. Princeton University Press [1936], 1987.

_____. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____. **Seminários de sonhos de crianças**. Trad. Lorena Kim Richter. Petrópolis: Vozes, 2011.

SIQUEIRA, G. T. **Hostilidade: uma revisão de literatura no referencial teórico junguiano**. Pontifícia Universidade de São Paulo, 2008.

VON FRANZ, M. L. **Adivinhação e sincronicidade**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1980.

_____. **A interpretação dos contos de fadas**. Trad. Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. Rio de Janeiro, 1981.

_____. **Os sonhos e a morte**. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. **O caminho dos sonhos**. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Cultrix. 1988.

WICKES, F. *The inner world of childhood*. Ed. rev. Nova York: Appleton – Century 1966.

ANEXOS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 080/2011
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Ceres Alves de Araújo
Autor(a): Denise Mathias

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado Sonhos de criança: uma revisão de literatura no referencial teórico da psicologia analítica

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa. A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de 02/05/2011, APROVOU o Protocolo de Pesquisa nº 080/2011.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 02 de maio de 2011.

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001

Tel/Fax: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br – site: <http://www.pucsp.br/cometica>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ANEXO IV

Este termo, em duas vias, é para certificar de que eu,.....

RG:....., concordo em participar na qualidade de voluntário, do projeto científico: **“Sonhos de criança: uma revisão de literatura no referencial teórico da Psicologia Analítica”**, cujo objetivo é ampliar as possibilidades de trabalho com crianças em uma linha junguiana, acrescentando ao jogo lúdico o conteúdo trazido pelos sonhos infantis, realizado pela psicóloga Denise Mathias. Por meio deste, dou permissão para que sejam transcritos e utilizados os sonhos relatados nas sessões de psicoterapia por meu filho(a). Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme texto descritivo. Estou ciente de que sou livre para interromper a participação na pesquisa, e então esta autorização não mais será válida, sem ser em nada prejudicado. As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração de trabalho científico, que poderá ser publicado em meios acadêmicos e científicos. O nome de meu(minha) filho(a) não será utilizado nos documentos pertencentes a esse estudo e a confidencialidade será garantida.

Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com a pesquisadora.

Nome do participante:

Assinatura:

Nome da 1ª testemunha:

Assinatura:

Nome da 2ª testemunha:

Assinatura:

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora:
Denise Mathias
RG: 4.785.947-7
CRP 2553/06
E-mail: denisemathias@uol.com.br
Telefones: 115573 3148
1196487118